

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 8

Agosto de 1917

Ano LXIX

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*
Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

SAUDAÇÃO

AO

EXERCITO EM CAMPANHA

Agora que o nosso exército entrou definitivamente em campanha junto dos aliados, é chegado o momento, que a *Revista Militar* aguardava, de dirigir a mais affectuosa e ardente saudação às tropas nacionais de terra e mar que nesta hora solene combatem em Moçambique e em França.

Lidando honrada e desinteressadamente na imprensa há mais de 70 anos, sempre alheia a paixões de qualquer natureza; não conhecendo outro ideal senão o de erguer bem alto o exército pelo estudo das questões que interessam à defesa nacional em todos os campos e nos seus multiplices aspectos; arquivando nos muitos milhares das suas vetustas páginas, pelas quais têm corrido as penas brilhantes dos nossos mais prestigiosos escritores profissionais, as opiniões de tantos officiais beneméritos sôbre todos os problemas militares do seu tempo, como ecos sentidos dos acontecimentos que nêsse enorme lapso têm convulsionado a pátria; inquirindo, solicita, ondê está a invenção para logo a divulgar entre os seus leitores, e recordando, piedosa, as grandes datas dos gloriosos anais da nação para que os ânimos nelas se retemperem; orgulhando-se da colaboração dos velhos e incitando os novos; sendo como uma parte integrante da Instituição Militar, como um prolongamento do exército, de quem vive e para quem vive; contando nos campos da batalha alguns dos seus mais eminentes membros e muitos dos seus colaboradores, esta

Revista desejaria poder encontrar-se neste momento, — como decerto se encontraria se os seus recursos lho permitissem, — nas trincheiras da França e nas solidões de Moçambique, ao lado de todos os combatentes, para ir apontando nas suas páginas, dia a dia, hora a hora, os acontecimentos de que fôsse testemunha para legar à posteridade, como monumento condigno, o singelo registo da parte que o nosso glorioso exército tem nesta temerosa guerra.

Não faltam aos nossos homens, quando nas fileiras perpassa o sôpro mágico da disciplina, nenhuma das qualidades que exornam os melhores soldados. Duma sobriedade sem igual; resistente à fadiga; sofredor; sem exigências; desinteressado; inteligente; amante da disciplina quando a ela se habitua; duma facil e admiravel adaptação ao meio em que vive; dedicado pelos chefes que sabem inspirar-lhe confiança; valente; capaz de todas as audácias quando bem dirigido; o soldado português tem direito a lugar de honra entre os melhores soldados.

As suas grandes qualidades são amplamente confirmadas por uns poucos de séculos de imorredora história. Sem remontar a Viriato e aos remotos e heroicos tempos de reacção contra a conquista romana, nem mesmo às lutas da fundação da nacionalidade, desde Afonso Henriques a Afonso III, — o que seria lícito fazer, porque nós mudamos menos do que se pensa, e os homens de hoje são a todos os respeitos os legítimos sucessores dos de então, — aí temos a atestar as grandes qualidades do soldado português o periodo que se inicia em João I. É admiravel a facilidade com que os nossos soldados, mal terminadas as lutas da independência e ainda vecejantes os louros de Aljubarrota e Valverde, se adaptam à guerra sem tréguas das praças de Africa com os novos inimigos — o mouro, o negro e o mortífero clima! Que maior exemplo de abnegação e patriotismo regista a história, que o dos soldados de Sofala, autenticos heroes, que se deixam morrer de fome e de febre no seu improvisado forte de madeira, mas que sustentam gloriosamente a honra de Portugal!? E os soldados de Gôa, e de Diu e dos inumeros cêrcos e batalhas de que foi teatro a Asia! Onde os encontrar melhores? Se viermos a tempos mais modernos, lá encontramos de novo os nossos soldados lutando incansável e gloriosamente pela independência da

pátria, até a firmar definitivamente; e no limiar do seculo passado, nas campanhas peninsulares, — cruentos episódios duma guerra tão grande como a de agora — que não fizeram êles!?

Que mais será necessário invocar para nos desvanecermos de orgulho e acalentarmos uma consoladora esperança ao lembrarmos-nos dos nossos bons soldados, que nesta hora se batem pela pátria nas solidões de Moçambique e nas trincheiras de França!?

A *Revista Militar* inclina-se reverente perante aquêles que a morte prostrou no seu posto, e envia aos vivos, com a expressão do seu desvanecimento pelos valorosos feitos já registrados, a mais carinhosa, a mais comovida e a mais fraternal saudação.

A DIRECCÃO.



BATALHA DE VERDUN¹

(Segundo a versão francesa)

Grande ofensiva vitoriosa do general Nivelle sôbre a margem direita do Mosa.—Os franceses reconquistam definitivamente o forte de Douaumont e forçam os alemães a evacuar o de Vaux.—De 24 de Outubro a 5 de Novembro

III — A acção no sector de Vaux. — Os alemães evacuam este forte em 2 de Novembro

A acção neste sector apresentou muito maiores dificuldades aos franceses.

Bastante á frente do forte de Vaux, cujas obras exteriores, contra-escarpas, fossos, cofres, observatórios e bateria, bombardeados pela artilharia francesa, se encontravam em mau estado, os alemães tinham organizado uma sólida linha de defesa a qual compreendia: — 1.º — uma trincheira contínua, em primeira linha, que se estendia do Nez de Souville às encostas S. da ravina da Gayette (trincheiras Hindemburgo, Brochmuck, de Moltke, Clausewitz, Seydlitz, Mudra, Steinmetz, Werder e von Klück); 2.º — a um quilometro proximoamente atrás, uma segunda linha desde a saída da ravina de Fontaines até à aldeia de Damloup; 3.º — entre as duas, uma linha de apoio, não contínua, abrangendo vários pontos de apoio desde a Sablière até à bateria de Damloup; 4.º — excavações devidas ao rebentamento de granadas, organizadas defensivamente e guarnecidas de metralhadoras.

Havia vários ramais de comunicação, alguns ainda em construção em 24 de Outubro, para ligar a primeira linha à linha de apoio.

Os desertores e prisioneiros feitos na região de Vaux, nas

¹ Continuado de pag. 477, *Revista Militar*, n.º 7 de 1917.

vesperas da acção, foram unânimes em declarar que os alemães esperavam ser atacados neste sector, cuja defesa estava confiada à 50.^a divisão. Não houve, pois, surpresa alguma e os atacantes encontraram, desde o começo da ofensiva, uma defesa preparada e encarniçada.

No dia 24 e à hora marcada—11 h. 40 m.—a divisão de Lardemelle, composta por tropas que conheciam bem o sector por o terem guarnecido durante o mês de Setembro até os primeiros dias de Outubro, avançou com o mesmo impeto e ardor que as divisões de Salins e Passaga.

Na esquerda da linha de ataque o primeiro objectivo foi alcançado, mas ao centro, na trincheira Clausewitz, os alemães conseguiram resistir até às 15 horas.

Ainda na esquerda do ataque, a Grande Carrière foi prontamente conquistada e guarnecida, mas a maior parte das obras que constituíam a linha de apoio exigiu um completo envolvimento para poder ser dominada a sua resistencia. Assim sucedeu com a da Sablière, sôbre as vertentes da ravina das Fontaines, a qual só pôde ser tomada pelos franceses pelas 20 horas, rendendo-lhes mais de 50 prisioneiros, mas que logo foi alvo de sucessivos retornos-ofensivos.

Igualmente a obra do Petit Dépôt, que resistiu durante o mesmo tempo, forçou os franceses a contorná-la e só assim pôde ser vencida a obstinada defesa dos alemães, que afinal foram forçados a renderem-se em numero superior a 100.

O ponto de apoio de Mudra e um abrigo de combate no respectivo flanco direito, resistiram tenazmente. Entretanto a bateria de Damloup foi tomada pelas 14 horas pelo regimento de infantaria 30, caíndo em poder dos franceses, além de alguns prisioneiros, 12 metralhadoras e 2 morteiros de trincheira. O abrigo de combate foi atacado por um pelotão, que apesar do vivo fogo que recebeu, conseguiu aproximar-se a pequena distância e crivar de granadas o interior do abrigo. Um official alemão ferido, foi ali aprisionado com seis soldados e afirmou ao comandante do pelotão atacante que era tudo quanto restava vivo da sua companhia. Este episódio mostra qual foi o encarniçamento da luta.

A acção que no sector de Douamont decorrera tão facil e tão prontamente decisiva para os franceses, permanece sangui-

nolenta e vivamente disputada sobre o terreno tão revolvido do bosque de Fumin e da região de Vaux.

A luta mantém-se activa não só durante toda a noite de 24/25, como no dia seguinte, e dura ainda na manhã de 26.

A defesa do forte de Vaux é feita assim a distância, nas trincheiras e obras que o cobrem e que, uma vez nas mãos dos franceses, o deixarão a descoberto.

A primeira linha de trincheiras e as obras da linha de apoio, acabaram por cair em poder dos atacantes na tarde do dia 25. A acção, porém, continúa ainda em 26 sobre a 2.^a linha (trincheiras denominadas de Gotha, de Siegen e de Salles) e contra o próprio forte de Vaux, pois este é directamente atacado pelas 10 horas da manhã desse dia.

Um reconhecimento incumbido de determinar o numero e local das metralhadoras alemãs, consegue aproximar-se das imediações do forte (salientes S. e O.), enquanto um outro consegue alcançar-lhe a superstructura e tenta lançar granadas para as seteiras das metralhadoras.

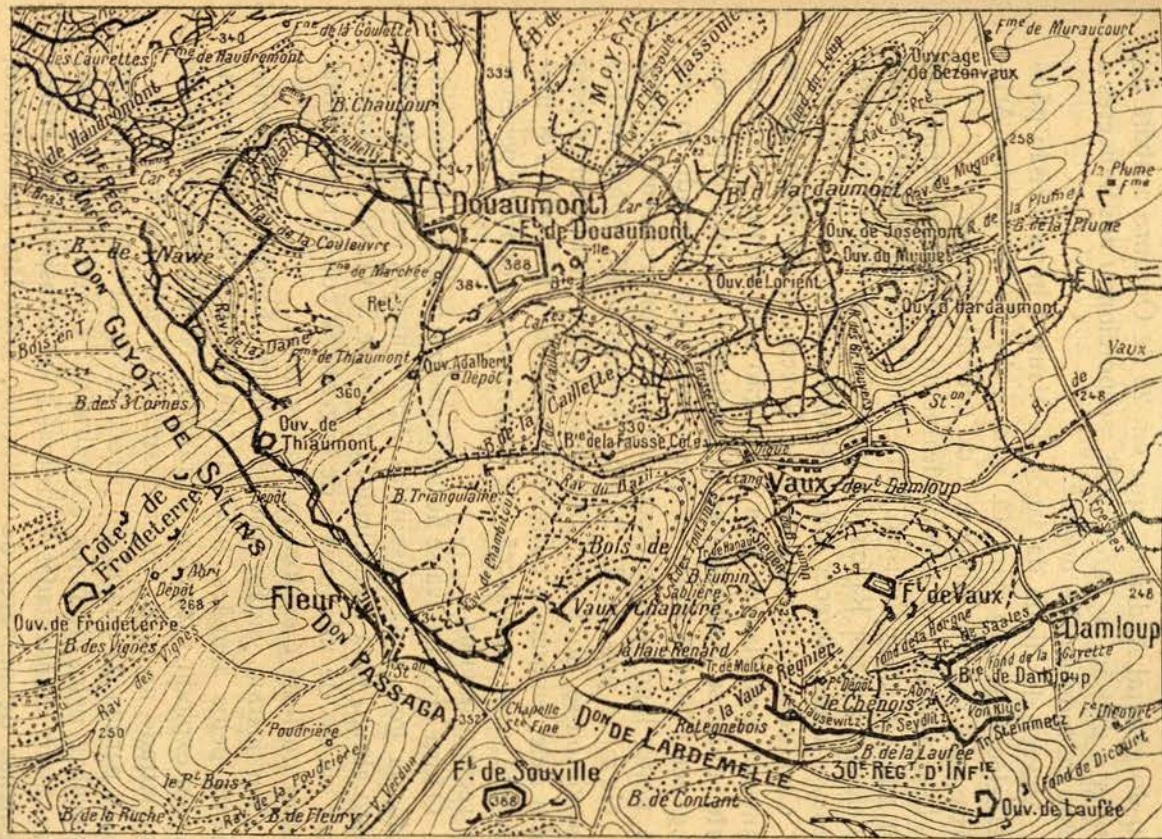
As primeiras vagas de assalto que puderam deslizar na direcção do saliente S., procuram contornar o forte pelo lado de E., mas caem sob a acção do fogo das baterias alemãs da região de Woëvre e começam a experimentar baixas importantes. As comunicações tornam-se difíceis para os franceses, os seus quadros são dizimados, o ataque afinal é repellido.

Um outro reconhecimento pudera entretanto atravessar pelo bosque Fumin e atingira o dique da lagôa de Vaux, regressando depois conduzindó 80 prisioneiros alemãs.

A divisão do general de Lardemelle, exausta por três dias sucessivos de combate constante, foi então reforçada com dois regimentos da divisão do general Andlauer, a qual se preparava para render a primeira.

Os generais Nivelles e Mangin, resolveram recomeçar e completar a preparação pela artilharia, afim de obterem a tomada do forte de Vaux à custa das menores perdas possíveis.

Para facilitarem o tiro da artilharia pesada, começaram por fazer recuar um pouco a linha francesa a S. do forte. O bombardeamento recomeçou, pois, com violencia, mas o mau tempo, dificultando extremamente a observação dos efeitos do tiro, prolongou essa preparação. Para assegurar o exito do ataque era indispensavel a posse definitiva da crista do bosque Fumin.



Carta da região dos fortes de Douaumont e de Vaux

(Disposição das divisões francesas do general Mangin ao iniciarem a ofensiva em 24 de Outubr.)

Uma série de operações efectuadas pelos regimentos da divisão do general Andlauer, que em 28 de Outubro acabára de render a divisão de Lardemelle, proporcionou aos franceses a posse de todo aquêlê bosque.

Atravez do dique da lagôa de Vaux, a nova divisão pôde estabelecer ligação para O. com a divisão do general Arlabosse, que rendera tambem a do general Passaga.

Este avanço e o bombardeamento sistematico permitiam dar agora o golpe decisivo. Entretanto, tal como' sucedêra com a defesa do major Raynal em Junho ¹, era de supôr que o forte pudesse ainda oferecer uma resistencia séria.

Comtudo, na manhã de 2 de Novembro, os observadores franceses assinalavam uma evacuação pelo menos parcial do forte, onde se verificou que se produziam grandes explosões. O general Nivelles ordenou que o forte fosse ocupado ao cair da noite, logo que se efectuasse um reconhecimento prévio.

Na tarde, pois, do dia 2, uma companhia do regimento 118 aproximou-se do forte, contornou-o e foi estabelecer-se para além dêle, enquanto outra companhia do regimento 298, juntamente com uma secção de engenharia, procurava penetrar no recinto interior.

O forte apresentava-se hermeticamente fechado, mesmo pelo lado da gola e das casamatas. Aproveitando, porém, um estreito abrigo para metralhadora no cofre S. O., um sapador e dois officiaes de infantaria e de engenharia conseguiram afinal entrar no forte e explorá-lo internamente.

Verificaram, então, que se achava abandonado recentemente pelos alemães, havendo ainda restos fumegantes que faziam explodir cartuchos e granadas. Nem um só alemão foi encontrado no forte, cujas casamatas se achavam intactas.

A partida da guarnição parece dever ter sido precipitada ², a avaliar pelos despojos encontrados: 4 metralhadoras, duas das quais empacotadas e prontas a ser transportadas, muitas centenas de milhares de cartuchos, 3:000 latas de conserva, umas mil garrafas de aguas minerais, etc. Foi tambem encontrada uma ordem alemã datada de 21 de Outubro e relativa à

¹ Vidé *Revista Militar*, n.º 10, de 1916—pag. 657 a 660.

² Os franceses acrescentam: «... et ressembler à une fuite...»

defesa do forte em caso de ataque e outros documentos importantes.

As tropas da divisão do general Andlauer tomáram, pois, conta do forte de Vaux, sem disparar um tiro, na noite de 2/3 de Novembro.

Nos dias seguintes e até 5, a luta proseguiu ainda e os franceses ocuparam as aldeias de Vaux e de Damloup. Nesta última foi surpreendido um posto alemão e, como o sargento que o comandava lamentasse ter sido aprisionado no momento em que ia ser rendido, os franceses aguardaram algum tempo com precaução e logo que chegou o novo posto aprisionaram-no também.

IV — Resultados da ofensiva

O êxito da ofensiva tornou os franceses de novo senhores de todo o planalto a N. E. de Verdun e das ravinas que o rodeiam, cujas entradas são dominadas pelas aldeias de Vaux e de Damloup.

Para além do forte de Vaux, voltaram a ocupar a crista militar que, a cerca de 400 metros a N. E., domina as encostas abruptas que se inclinam sobre a planície de Woëvre.

A primeira linha francesa ficou restabelecida tal como se encontrava no principio de Março, antes dos ataques alemães ao forte de Vaux.

O total dos prisioneiros feitos pelos franceses entre 24 de Outubro e 2 de Novembro, no decurso da batalha de Douaumont-Vaux, foi de 6:011 soldados e 140 oficiais, entre estes 8 majores. Só na acção do dia 24 se apoderaram os franceses de 15 canhões, dos quais 5 de grosso calibre, 51 morteiros de trincheira, 140 metralhadoras e numeroso material de guerra, compreendendo espingardas, munições, ferramentas e dois postos de T. S. F.

Pretendeu a imprensa alemã diminuir o efeito moral da vitória francesa — o que aliás é compreensível — alegando que já antes de 24 de Outubro fôra prescrita a retirada das tropas alemãs sobre uma linha de antemão preparada, afirmando que os fortes de Douaumont e Vaux já não tinham valor e haviam sido tornados inofensivos, e acrescentando ainda que o aban-

dono deste último, nenhuma importância tinha, debaixo do ponto de vista da situação dos alemães em frente de Verdun.

Não há dúvida que impressiona a facilidade com que a acção decorre para os franceses no sector de Douaumont e a rapidês da tomada deste forte, mas a eficácia da preparação da artilharia e o denso nevoeiro que ocultou o avanço dos atacantes, podem explicar o facil e rapido exito que alcançaram, o que aliás lhes não sucedeu no sector de Vaux. É evidente que se a retirada dos alemães tivesse sido determinada com antecedencia, não cairiam nas mãos dos franceses tão importantes e numerosos despojos, deveria ser menos elevado o numero de prisioneiros e o campo da acção, no sector de Vaux, não ficaria coberto de cadaveres alemães.

De resto, vários documentos caíram em poder das tropas francesas, os quais mostram bem que os alemães nunca haviam pensado em ceder por sua vontade os fortes e o terreno a N. E. de Verdun, por êles conquistado á custa de tão pesados e duros sacrificios, durante uma luta de 8 meses, e, pelo contrário, demonstram que existiam ordens terminantes para organizar a defesa dos fortes e do terreno por forma a quebrar e vencer toda a tentativa de ofensiva por parte dos franceses.

Assim o confirmam: uma memória ácerca do forte de Douaumont, elaborada em Setembro de 1916 e na qual eram postas em relêvo as razões que para os alemães existiam de conservar essa obra; uma ordem datada de 18 do mesmo mês e emanada do general von Lochow, comandante do grupo de ataque de E., relativa à maneira de organizar poderosamente o terreno conquistado, em especial no sector Thiaumont—Vaux-Chapître. Esta ordem é desenvolvida e completada pelas dos generais von Planitz, de 20 de Setembro, e Hancke, comandante da 33.^a divisão de reserva, de 25 do mesmo mês.

Em nenhuma destas ordens, dadas já no fim de Setembro, se alude ou prevê o abandono do terreno conquistado pelos alemães na margem direita do Mosa.

Mas, a estes documentos há a acrescentar a ordem dada em 23 de Outubro — precisamente na vespera do ataque francês — pelo general von Zwehl, comandante do 7.^o Corpo de exercito de reserva, a qual demonstra à evidência que nessa data os alemães estavam mais do que nunca resolvidos a de-

fender e manter o terreno por êles conquistado, prevenendo aliás a proxima ofensiva francesa, da qual já tinham conhecimento pelo seu habil serviço de informações.

Por serem excessivamente extensos, não publicamos aqui tais documentos, que foram transcritos — com todo o cunho de autenticidade — na imprensa francesa.

Com razão, parece pois, sustentar esta que a ofensiva do general Mangin não se produziu no momento em que a retirada da primeira linha alemã ia começar a efectuar-se e que não se realizou sôbre posições abandonadas, mas pelo contrário contra tropas prevenidas do ataque adverso e tendo recebido ordem de a êle resistirem a todo o custo.

Igualmente afirmam os franceses, e parece que com fundamento, que, embora os bombardeamentos pelos canhões de grosso calibre, a que várias vezes haviam sido submetidos os dois fortes, quer por uma, quer por outra artilharia, tivessem deteriorado e arruinado grande parte destes, tais deteriorações eram susceptíveis de immediata reparação — como os franceses empreenderam desde logo num e noutro — e que ambos conservavam todo o seu valor, quer como posições, quer mesmo como fortificações.

Finalmente, os repetidos retornos ofensivos alemães, executados logo na mesma tarde de 24 de Outubro e que durante dias acompanharam a acção da artilharia, exuberantemente provam que não só não haviam cedido voluntariamente o terreno, mas que se não resignavam mesmo a perdê-lo.

Na manhã de 5 de Novembro, o Presidente da República Francesa chegava mais uma vez a Verdun para apresentar as suas felicitações e as do governo francês aos generais e tropas que haviam reconquistado os fortes de Douaumont e Vaux.

Do quartel general do general Nivelles, o Presidente dirigiu-se ao posto de comando do general Mangin e ali, com o ceremonial do costume, conferiu-lhe a placa de Grande Oficial da Legião de Honra, com a seguinte citação:

«Comandando um grupo de divisões em frente de Verdun, preparou e dirigiu o ataque de 24 de Outubro de 1916, o qual permitiu reconquistar o forte de Douaumont em quatro horas, tomar ao inimigo 6:000 prisioneiros, 15 canhões e um importante material de guerra».

Tendo visitado as 6 divisões que guarneciam a margem

direita do Mosa, e os postos de comando dos respectivos generais, o Presidente percorreu depois várias ambulâncias para galardoar com a medalha militar os soldados feridos.

No dia seguinte, acompanhado pelos generais de Castelnau, Pétain e Nivelles, dirigiu-se aos acampamentos das três divisões dos generais Passaga, de Salins e de Lardmelle. Conferiu então a Cruz da Legião de Honra à bandeira do Regimento colonial de Marrocos, já duas vezes condecorada com a Cruz de Guerra.

Igualmente conferiu esta última às bandeiras dos regimentos 299-321-401 e 11 de infantaria, do 8.º de atiradores de marcha, do 4.º de zuavos de marcha, do 4.º regimento mixto de zuavos e atiradores, assim como aos guiões dos 32.º-102.º-107.º e 116.º batalhões de caçadores e ao de uma companhia de engenharia. Distribuiu várias condecorações a grande numero de generais, oficiais e praças das três divisões, condecorando com a Legião de Honra um cabo e dois simples soldados que haviam merecido honrosíssimas citações.

Antes de regressar a Paris, M. Poincaré visitou ainda no dia 6 as tropas que ocupavam a primeira linha no vale do Mosa, em frente de Saint-Mihiel.

Contra ofensiva alemã - De 24 a 28 de Outubro

A reacção alemã era de esperar e manifestou-se logo desde o proprio dia 24 de Outubro, o que prova bem, como já acenuámos, que nunca fôra intensão do comando alemão abandonar o terreno nem os fortes, mas que a isso fôra compelido pela violenta e impetuosa ofensiva adversa.

Em 24 horas, desde a tarde de 24 até à de 25, executaram os alemães não menos de cinco violentos retornos ofensivos contra as pedreiras de Haudromont, a linha Haudromont-Douaumont e bateria de Damloup. Todos êles foram completamente repellidos.

No dia 26, os ataques foram repetidos e conduzidos com extrema violencia. Pelas 8 e meia da manhã e pelas 14 h. e 30 m. arremessaram-se sôbre o forte de Douaumont e zonas proximas.

Pouco depois das 15 horas novamente voltaram à carga, partindo do bosque de Haudromont quatro vagas de assalto

sucessivas. Mais tarde assaltaram ainda as trincheiras francesas a S. do bosque de Chauffour.

O revez foi geral, apesar do intenso bombardeamento que precedeu e acompanhou os ataques. Sucedeu mesmo que algumas fracções isoladas que atingiram as trincheiras da primeira linha, foram envolvidas e capturadas pelos franceses.

A frente por estes guarnecida no dia 24, foi integralmente mantida.

Outra ofensiva alemã, efectuada no dia 27 a O. da aldeia de Douaumont, foi detida pelos tiros de barreira da artilharia da defesa. Em compensação, os franceses, numas escaramuças travadas na noite de 26/27 a O. e S. do forte de Vaux, conseguiram ganhar algum terreno. Ainda no dia 28, lograram também apoderar-se, num combate à granada de mão, de uma pedreira que os alemães haviam organizado defensivamente a N. E. do forte de Douaumont.

Afirmam os franceses que para se consolarem de tantos e tão importantes revezes em Verdun, mais uma vez os alemães bombardearam furiosamente durante o dia 29 a cidade de Reims, fazendo algumas vítimas na população civil. É o proprio comunicado oficial das 15 horas e do dia 30 de Outubro, que o afirma¹.

De 28 de Outubro a 14 de Dezembro

Os ultimos dias de Outubro, no sector de Douaumont, e desde os primeiros de Novembro no de Vaux, decorreram sem que se produzissem quaisquer ataques de infantaria de alguma importância.

Este novo periodo de acalmção na região de Verdun, prolongou-se por todo o mês de Novembro e estendeu-se até os primeiros dias de Dezembro. Entretanto o canhão troou quasi constantemente, num canhoneio mais ou menos intenso, visando as baterias alemãs especialmente os fortes e zonas proximas de Douaumont e Vaux.

O bombardeamento acentuou-se nos dias 2 a 4 de Dezembro, sôbre esses sectores. Na manhã de 5, os alemães efectua-

¹ Vidé—*Les Communiqués Officiels, depuis la déclaration de Guerre—Octobre, 1916.*—Pag. 97.

ram um pequeno ataque contra as posições adversas a N. da aldeia de Vaux, ataque que abortou sob o intenso fogo das metralhadoras francesas.

Em 6 e sobre a margem esquerda do Mosa, executaram os alemães um violento ataque contra as trincheiras situadas nas encostas E. da colina de cota 304 e conseguiram apoderar-se de alguns elementos avançados da linha francesa.

Até 14 de Dezembro, voltou a reinar relativa tranquilidade no campo de Verdun, onde apenas se fazia ouvir, ainda que por vezes bem fortemente, o troar do canhão.

(Continúa).

P. S.



CRÓNICA DO EXÉRCITO ESPANHOL

I—Trabalhos de aplicação e viagens de instrução dos alunos da escola superior de guerra e das academias militares

A—Trabalhos da escola superior de guerra

Como nos anos anteriores, os alunos dos tres anos da escola superior de guerra realizaram este ano diversos trabalhos práticos de *topografia*, *tactica* e *logística*, assim como *viagens de instrução* e *visitas* a diversos estabelecimentos militares, ou a estabelecimentos civis, cujos produtos sejam utilizados pelo exército.

Curso do 1.º ano—Os alunos do 1.º ano (4 capitães e 23 tenentes) realizaram as suas viagens e visitas no período de 14 a 31 de maio.

Primeiro, visitaram, sob o ponto de vista geológico e geográfico-estratégico, nas provincias de Alicante e Murcia, Elche, Torre vieja e Mar Menor, Haza del Lino; depois, Gaucin, Ronda com o seu famoso «Tajo», seguindo pelo vale do Guadalquivir até Bailen e visitando o campo de batalha, onde as tropas francesas do general Dupont foram destroçadas pelos generais Castaños e Reding e obrigadas a capitular em 1808 (22 de julho).

A partir de 27, visitaram em Madrid o Centro técnico da Intendencia, o parque da 1.ª região, o estabelecimento central da Intendencia, o hospital militar, o parque de desinfecção e saúde militar, e o Instituto de higiene militar.

No período de 1 a 30 de junho realizaram os mesmos alunos trabalhos topográficos em S. Lourenço do Escorial.

Curso do 2.º ano—Os alunos do 2.º ano (9 capitães e 23 tenentes) realizaram as viagens e visitas no período de 12 a 31 de maio e os trabalhos tacticos no período de 1 a 30 de junho.

Para os trabalhos do 1.^o período foram os alunos divididos em 3 grupos.

—Os do 1.^o grupo foram a Cadiz visitar o observatório astronómico de S. Fernando e o mareografo Reitz; a Malaga, visitar as estações sismológica e meteorológica; depois a Toledo, visitando a estação central sismológica e praticando aqui na determinação da hora e da latitude com os instrumentos deste estabelecimento.

—Os do 2.^o grupo foram a Sevilha ver o funcionamento da Mestranza, a pirotecnia e fábrica de artilharia; a Granada, visitar a fábrica da pólvora e explosivos; a Oviedo e a Trubia, visitar as fábricas de armas portateis e a particular de Lugones.

—Os do 3.^o grupo visitaram o Centro electro-técnico e de comunicações de Madrid, o caminho de ferro de S. Martin de Valdeiglesias e o Aerodromo de Cuatro Vientos, o parque de aerostação de Guadalajara, o hidroaerodromo de Alcazares em Cartagena e a estação radio-telegráfica de Paterna.

—No período de 1 a 30 de junho executaram os mesmos alunos trabalhos tacticos no terreno compreendido entre as estradas Madrid-Navalcarnero e Madrid-Getafe.

Curso do 3.^o ano—Os alunos do 3.^o ano (1 major, 16 capitães e 23 tenentes) realizaram os seus *trabalhos logisticos* de 15 de maio a 16 de junho, seguindo-se logo as viagens e visitas até 30 de junho.

—Para a execução dos trabalhos logisticos estabeleceu-se um *tema*, cuja *hipótese geral* era a seguinte:

—«Forças francesas tem transposto a fronteira. Um exército nacional, constituído por 2 corpos de exército (1.^a e 13.^a divisões activas e 2 divisões de reserva) é organizado nas 5.^a e 6.^a regiões com todos os elementos disponiveis e completados por meio de requisições, sendo ainda reforçado com a 3.^a brigada de cavalaria, com uma bateria de artilharia pesada, com um destacamento de projectores e outro de aerostação.

—Estas forças supõe-se que vão desenvolver-se estrategicamente entre Miranda e Zaragoza com o duplo fim de impedir a passagem do Ebro e cobrir as comunicações para o interior da Península».

—Admitia-se ainda que na Catalunha se resistia sobre a fronteira e linha do Gallego e que na esquerda a defesa se fazia sobre os rios Deva e Zadorra.

—Tratava-se, portanto, de estudar a defesa da linha do Ebro, e ainda, como 2.^a linha, as posições que permitiriam cobrir Burgos, Soria e Calatayud, admitindo a hipótese de se ter de abandonar a 1.^a linha.

—Como trabalho preliminar (mas que na prática seria simultaneo) fez-se o reconhecimento da zona de operações de todos os recursos que se poderiam utilizar sob o ponto de vista militar.

—Tiveram tambem os alunos de estudar a mesma região sob os pontos de vista—oroográfico, hidrográfico e geológico; de estudar os principais factos militares ocorridos na região, podendo relacionar-se com os trabalhos a executar; a rede de comunicações e sua importancia estratégica; os dados estatísticos relativos a recursos, produção, riqueza, etc.

E ainda—mobilização das forças activas e de reserva a empregar nestas operações; reconhecimento das posições mais importantes pelo seu valor estratégico; reconhecimento do Ebro e suas condições defensivas, assim como da sua utilização como linha de abastecimentos; plano geral da concentração e desenvolvimento estratégico dos 2 corpos de exército; estudo dos transportes por caminho de ferro do pessoal, animal e material, com o cálculo dos trens e sua combinação, embarque e desembarque, condições das estações e rendimento das linhas, distribuição das forças nos estacionamentos de reunião; organização da base de abastecimentos, serviço sanitário e todos os serviços de retaguarda.

—Para a execução destes trabalhos seriam fornecidos pelas companhias de caminho de ferro todos os elementos indispensaveis.

—O tema deveria comportar todo o desenvolvimento indispensavel, sendo redigidas as ordens de operações das diferentes unidades; e tambem os trabalhos seriam completados com diferentes desenhos panoramicos e fotografias.

—Nas viagens e visitas os alunos visitaram no Ferrol as baterias de costa, o arsenal e estaleiro, barcos de guerra em construção e brigada de torpedos.

Fizeram o reconhecimento das baías de Ferrol, Puente-deumes, Coruña e Vigo. Nestes trabalhos tomaram parte 17 capitães e 16 tenentes.

—Os trabalhos topográficos foram dirigidos por um te-

nente coronel e um major; os trabalhos táticos e logísticos foram também, cada um deles, dirigidos por um tenente-coronel e um major.

B—Trabalhos da academia de infantaria

Os trabalhos práticos dos alunos desta academia compreenderam 2 períodos: um de preparação, que teve lugar de 19 a 25 de maio e que se realizou nos arredores de Toledo; e outro, de 26 de maio a 6 de junho, em que se realizaram exercícios de combate e de fogos de guerra.

No 1.º período, os alunos, constituindo 2 batalhões, realizaram diversas marchas. No dia 19 fizeram uma pequena marcha, de Toledo a Los Bardos pela estrada de Avila, tendo percorrido na ida e volta 16 quilómetros.

No dia 20 teve lugar uma marcha de 18 qm. até Bargas; em 21, uma marcha de 20 qm. até Nembroca, realizando-se um exercício de companhia em S. Servando; no dia 22 a marcha foi até Burguillos (20 qm.), tendo lugar outro exercício de companhia; em 23 e 24 as marchas foram até Argés e Loyos (22 qm.), tendo lugar exercícios de batalhão. O dia 25 foi de descanso, realizando-se no dia 26 a marcha em caminho de ferro de Toledo até à estação de Urda, donde seguiram pela via ordinária até ao acampamento eventual de Ballesteros na grande herdade pertencente ao capitão da Intendencia, o sr. Rens, em cujos terrenos já se tinham realizado identicos exercícios nos dois últimos anos.

Os batalhões de alunos iam comandados pelo tenente-coronel Aguado. O pessoal docente compreendia 5 oficiais superiores, 14 capitães e 22 tenentes.

—Nos dias 28, 29, 30 e 31 de maio tiveram lugar exercícios táticos de companhia com fogos reais nos vales de Las Estacas (1.º batalhão) e de La Cañadilla (2.º batalhão), fazendo-se um estudo comparativo entre os fogos individuais e os fogos colectivos, às médias e curtas distancias.

No dia 1 de junho o 1.º batalhão realizou um exercício tático em Candilla enquanto que o 2.º batalhão executou uma marcha-manobra até Robledillo, onde pernoitou.

—No dia 2 o 2.º batalhão executou um exercício tático e

o 1.º batalhão uma marcha-manobra até Quintos de Mora, pernoitando aí.

— No dia 3 houve missa campal, e os alunos realizaram várias festas e diversões, tendo lugar uma luzida cavalgada, uma corrida de bezerros, jogo de boxe, corrida de bicicletas, etc.

— No dia 4 teve lugar um exercício de combate de dupla acção.

— No dia 5 teve lugar o ataque a uma posição fortemente entrincheirada, desenvolvendo-se seis ondas de assalto.

Os batalhões estabeleceram as ligações com bandeiras, heliografos e telefonios, montando a secção de telefonistas uma estação central e quatro estações de campanha.

As unidades eram comandadas pelos alunos do 3.º ano, sob a direcção do major Orgaz.

No dia 6 regressaram os alunos a Toledo para darem começo aos exames de fim de curso.

Este ano não assistiram aos trabalhos dos alunos da academia de infantaria nem S. M. el-rei, nem o ministro da guerra, nem o general chefe da Direcção de infantaria no ministério da guerra.

C—Trabalhos da academia de cavalaria

— Os exercícios da academia de cavalaria duraram 8 dias, de 10 a 17 de maio, regressando os alunos a Valladolid em 18.

Sairam de Valladolid em 10, seguindo por Navas del Rey, Fuentesauco e Zamora, regressando depois por Toro a Valladolid. Durante esta marcha foram resolvidos diversos problemas tacticos nas diferentes situações em que se pode encontrar a cavalaria em campanha.

O pessoal docente que acompanhava os alunos era constituído por 5 officiaes superiores, 7 capitães e 11 subalternos. Para tratar do gado iam 2 sargentos, 4 cabos e 66 soldados, sob o comando de um tenente.

Estes trabalhos foram em parte prejudicados por causa do temporal.

D—Trabalhos da academia de artilharia

Os trabalhos práticos de caracter geral duraram 5 dias, de 3 a 8 de maio, nos arredores de Segovia.

—Nas viagens de instrução, de 8 a 14 de maio, foram os 112 2.^{os} tenentes alunos do 5.^o ano divididos em 8 grupos de 14.

Os grupos n.^{os} 1 e 2, dirigidos respectivamente por um major e por um capitão professores, visitaram em Sevilha os diversos estabelecimentos de indústria militar.

Os grupos n.^{os} 3 e 4, dirigidos tambem por um major e um capitão, foram a Trubia e Oviedo visitar as fábricas e estabelecimentos fabris da região.

Os grupos n.^{os} 5 e 6 foram a San Sebastian visitar as fortificações do campo entrincheirado de Oyarzún, e a Bilbao visitar os estabelecimentos industriais.

Os grupos n.^{os} 7 e 8 foram respectivamente ao Ferrol estudar o armamento das baterias de costa, visitar o arsenal e os diversos estabelecimentos marítimos; e a Granada e a Guadaluajara visitar a fábrica de pólvora e explosivos e os estabelecimentos de engenharia.

E—Trabalhos da academia de engenharia

—Os trabalhos práticos de caracter geral tiveram lugar nas proximidades de Guadalajara e os trabalhos ferro-viários no troço da linha Madrid-Torralba.

—Para as viagens de estudos os 26 2.^{os} tenentes alunos do 5.^o ano constituíram 2 grupos: os do 1.^o grupo, sob a direcção de um major professor, visitaram em Madrid os museus de artilharia, de engenharia e o naval; em Granada, a fábrica de pólvoras e explosivos e os monumentos architectónicos; em Algeciras, o campo de Gibraltar.

Estas visitas duraram 12 dias.

Os do 2.^o grupo, sob a direcção de um capitão professor, foram a Oviedo visitar as minas e os estabelecimentos fabris militares; e a Gijón, as baterias e os trabalhos de defesa do porto. Estas visitas duraram 14 dias.

—Os 27 2.^{os} tenentes alunos do 4.^o ano constituíram tam-

bem 2 grupos: o 1.º grupo foi a San Sebastian estudar a urbanização e o caminho de ferro funicular; a Bilbao, visitar o porto, as construções militares e o hospital civil; a Burgos, visitar os monumentos architectónicos e quartéis.

O 2.º grupo foi a Madrid visitar as estações de caminho de ferro do Norte e do Meio Dia; a Zaragoza, visitar a catedral de Seo, a Basilica del Pilar e o regimento de pontoneiros; e a Valencia, visitar o porto, a catedral e os quartéis.

As visitas dos alunos do 1.º grupo duraram 13 dias, e as do 2.º grupo duraram 14 dias.

—Os 27 alunos do 3.º ano constituíram tambem 2 grupos: o 1.º grupo visitou em Madrid o Laboratório do material de engenheiros; em Toledo, a fábrica de armas; em Yeles, a fábrica de cimentos; em Zaragoza, a fábrica de ladrilhos e pasta ceramica; em Barcelona, os estabelecimentos industriais.

O 2.º grupo foi a Oviedo visitar as fábricas de cimento, de hulha, os altos fornos, as instalações hydroelectricas, a fábrica de explosivos, as fábricas de espingardas e metralhadoras; e a Gijón, visitar as fábricas metalurgicas, as fábricas de vidros e louças, os depósitos de máquinas e o observatório meteorológico. Estes trabalhos duraram de 16 a 29 de maio.

F—Trabalhos da academia de intendencia

Os trabalhos práticos dos alunos desta academia tiveram lugar de 21 a 30 de abril, Os alunos saíram às 7 horas de 21, de Avila para Arévalo, seguindo por Aldeavieja e Villacastin, onde eram esperados pelo director da academia, sr. Madariaga. Em Arévalo organizaram um acampamento. Terminados estes trabalhos, regressaram em caminho de ferro a Avila.

O pessoal docente era constituido por 4 officiaes superiores, 4 officiaes 1.ºs, 5 officiaes 2.ºs e 3.ºs, 1 médico, 1 capelão, 1 veterinário e 1 musico-mór.

Tomaram parte nestes exercícos 126 alunos, 71 praças e 50 solípedes com o material necessário.

—Para as viagens de instrução os 30 alunos do 3.º ano foram divididos em 2 grupos: os alunos do 1.º grupo (numeros impares) visitaram em Avilés a fábrica metalurgica Arnáo, e foram a Mieres, Oviedo, Gijón, San Juan de Nieva e a Can-

gas, visitando as minas, as fábricas de farinhas de Denal, de curtidos, de cerâmica e vidros e as fábricas de conservas.

Os alunos do 2.^o grupo (numeros pares) foram a Coruña, ao Ferrol e a Vigo, visitando fábricas de tecidos, de conservas, de farinhas, os parques da Intendencia, o arsenal, as oficinas da sociedade espanhola de construções navais, a escola naval e o porto.

Duraram estas viagens de 4 a 15 de maio.

G—Trabalhos práticos da academia médico-militar

—Tambem nesta academia se realizaram durante os dias 4, 5 e 6 de junho diversos exercícios de serviço sanitário em campanha, os quais tiveram lugar nos arredores de Madrid.

Foi organizada uma ambulancia mixta.

—Os exercícios gerais nas diferentes academias eram dirigidos pelos respectivos directores desses estabelecimentos de instrução. As viagens e visitas eram dirigidas pelos diversos professores dessas academias.

Os directores e chefes de estudos visitavam os trabalhos que julgavam de maior importancia.

O general inspector da instrução militar, tendo previamente sido informado dos dias e locais em que se realizavam os diversos trabalhos, exercia a sua acção de fiscalização conforme julgava mais conveniente.

Os professores encarregados de dirigir os alunos apresentam no fim dos trabalhos um relatório, indicando como foram executados os trabalhos, deficiencias notadas, modificações a introduzir e que devem ser atendidas nos anos subsequentes.

—Os alunos são obrigados a apresentar uma *Memória* sobre os trabalhos efectuados e a respeito da qual serão interrogados pelo official director do serviço, e ainda nos exames de fim de curso.

—Durante esta época de trabalhos práticos dos alunos das diversas academias, as diferentes povoações por onde os alunos passaram ou visitaram, cumularam estes de obséquios,

procurando todos à porfia distingui-los com serenatas, bailes e jantares.

Tambem nas terras, onde há guarnições militares, os officais destas esperaram os alunos e confraternizam com os futuros officais, em breve seus companheiros d'armas. Isto mostra o interesse que em Espanha os civis teem pelo exército e a boa camaradagem entre os officais das diversas armas.

II — Concurso de admissão no corpo de Intervenção militar

Como se sabe, o corpo da Intendencia militar recruta o seu pessoal na Academia de Intendencia, mas a entrada para o quadro do corpo de Intervenção militar é feita noutras circunstancias. A entrada no quadro é no posto de 2.^o official e tem lugar por meio de concurso, a que podem concorrer os 1.^{os} tenentes da escala activa das armas de infantaria, cavalaria, artilharia e engenharia, tendo boas informações.

Foi há pouco aberto concurso (D. O. de 3 de junho-1917), devendo as provas ter lugar, a começar em 5 de dezembro próximo, perante um júri presidido pelo chefe da Direcção de Intervenção do Ministério da Guerra, servindo de vogais 4 interventores de distrito com residencia em Madrid, e servindo de secretário um commissário de guerra.

No exame, que comprehende só provas escritas, há 3 grupos de questões a tratar:

- 1.^o grupo — Administração pública de Espanha; economia política e finanças; noções de direito civil e mercantil.
- 2.^o grupo — Teoria e arte da administração militar; legislação sobre vencimentos e serviços em campanha.
- 3.^o grupo — Escrituração dos diferentes livros; contabilidade geral do estado e contabilidade militar.

— Os candidatos tiram à sorte um ponto de cada um dos 3 grupos e cada um desses pontos contem tres questões diferentes, das quais o candidato escolhe uma, conforme lhe agrada.

Terminadas as provas, os candidatos são classificados em

aptos e não aptos. Organiza-se então uma lista, por ordem de classificação, com um número duplo de candidatos das vacaturas a preencher. Estes oficiais serão então mandados frequentar um *curso práctico*, que deverá começar no dia 1 de janeiro de 1918 e terminará em 30 de junho do mesmo ano.

Esse tirocínio, ou curso de informação, tem lugar nas diferentes repartições da Direcção de Intervenção do Ministério da Guerra.

Em virtude das informações dos respectivos chefes das repartições, o juri do exame escrito procede à classificação definitiva. Os oficiais mais classificados vão preencher as vacaturas, deixando então de pertencer aos quadros das suas armas.

III — Redução das tarifas nas viagens em caminho de ferro para os oficiais inferiores, cabos e soldados

— Os oficiais do exército espanhol já tinham redução de tarifas, que era de 0,033 pesetas por quilometro em 1.^a classe e de 0,02475 em 2.^a classe, o que corresponde a uma redução de 70 a 75 %_o. Para poderem utilizar esta importante redução fora criada a *cartera militar* (bilhete de identidade) por decreto de 15 de novembro de 1911.

— Vinham de há muito as diferentes classes de oficiais inferiores pedindo igual concessão, e agora, por decreto de 11 de abril do corrente ano, foi também criada a *tarjeta militar*, cuja posse dá direito a todas as praças de pré terem uma redução também nos transportes em caminho de ferro, quando não viajem por conta do estado.

As tarifas convencionadas foram de 0,0225 por qm. em 2.^a classe e de 0,0175 em 3.^a classe; isto é, ficam pagando 25 %_o da tarifa ordinária, mesmo que se tenha de pagar o imposto de transporte, que é de 10 %_o, aumentado do imposto de selo de 0,10 pesetas para os bilhetes cuja importancia seja superior a 10 pesetas.

Esta concessão é feita às praças em serviço activo, e ainda às praças licenceadas que tenham a cruz de S. Fernando.

Para ter a redução é preciso ir uniformizado, ou apresentar o bilhete de identidade, acompanhado da devida autoriza-

ção (para as praças de pré). Esta autorização é concedida por tempo limitado, marcando-se sempre o princípio e o fim.

Essa autorização deixa de ter valor quinze dias depois do dia em que termina a licença. Os bilhetes de identidade para os oficiais são válidos por 5 anos, tendo de ser renovados no fim deste período.

Como vemos, os oficiais podem viajar em 1.^a ou 2.^a classe, e os oficiais inferiores em 2.^a ou 3.^a, tendo as respectivas reduções em qualquer das classes, o que não sucede em Portugal.

IV — Os oficiais do exército espanhol exigem do governo melhoria na situação moral e material do mesmo exército

— Não é da índole desta *Revista* entrar em questões de ordem política, e por isso, nestas *Crónicas* de forma nenhuma faremos apreciações de character político em relação à manifestação que a «Junta de Defesa de Infantaria» acaba de fazer, dirigindo, por intermédio do general Marina, capitão general da Catalunha, as suas reclamações ao governo, reclamações que tiveram o voto unanime dos oficiais de todas as armas e serviços, e que originou a queda do mesmo governo.

Sendo, porém, da índole destas *Crónicas*, acompanhar as mais importantes modificações que se vão dando no organismo militar da nação visinha, não podia passar em claro um tal facto, porque êle põe em evidencia o atrazo em que o mesmo exército se encontra em relação com os progressos realizados nos modernos exércitos.

— Os oficiais do exército espanhol procuraram tirar todo o significado político ao seu acto, e evitaram mesmo não servirem de joguete às diferentes facções políticas do seu país. Nisto mostraram a maior correcção, a sua elevação de character e amor à sua Patria.

Que pediram os oficiais do exército espanhol?

«Que ao mesmo exército fossem dados os meios materiais e morais que êle precisa como órgão necessário à defesa da Pátria; que se mudem os processos de administração, que cessem os favoritismos e influencias políticas nas colocações dos oficiais; que as unidades tenham os efectivos indispensaveis para a instrução dos quadros; que nas unidades haja o ma-

terial necessário para a instrução e que nos depósitos haja o material necessário à mobilização; que se intensifique a produção das fábricas militares; finalmente, que se faça do exército um organismo são e com vitalidade para que possa desempenhar com honra a sua missão».

O coronel Marques, comandante do regimento de infantaria de Vergara, e presidente da «Junta de Defesa», declarou — «que os oficiais não querem aumentos de soldo, mas que, dentro da verba orçamental, se reorganize o exército de maneira a poder cumprir a sua missão, e que o problema da defesa nacional seja uma realidade».

Não houve, pois, uma revolução ou um «pronunciamento», mas uma manifestação patriótica.

Quanto eram justas as reivindicações do exército o reconheceu Afonso XIII, quando pela boca do general Weyler, este assim se expressou, dirigindo-se aos oficiais da guarnição de Saragoça: «Aconselho-vos que eleveis até ao monarca as vossas aspirações, pois el-rei é o primeiro interessado em que a Espanha tenha um exército organizado e convenientemente dotado de material moderno — *para quando chegue a hora da paz.*»

— Para dizer estas palavras o general Weyler foi expressamente a Saragoça enviado pelo rei. Assim o afirmou nestas palavras: «*Trago o expresso encargo de oferecer-me, em nome de el-rei, à guarnição de Saragoça.*»

As palavras do general Weyler, enviado do rei, e ditas em nome deste, «*que o exército precisa estar preparado para quando chegue a hora da paz*» que significam?

Aí deixamos esse ponto de interrogação, que os nossos homens políticos devem fazer também e meditar, como bons patriotas, que todos devem ser.

Ignoramos o que de grave continha a mensagem dirigida ao general Marina, nem sabemos o que êle verbalmente veio dizer ao govêrno; mas unicamente recortamos um facto apontado e que é verdadeiro, pois é fundamentado com o decreto de 22 de abril deste ano, e que contem a força orçamental das diversas unidades e formações para o actual ano económico.

«Os regimentos de infantaria (à excepção de 2) ficam tendo 400 homens, incluindo a música, os corneteiros e os graduados, de forma que apenas haverá 240 soldados; e, se destes ainda se deduzir os impedidos e doentes, ficarão disponíveis uns 140.

Mas nos meses de julho e agosto é costume licenciar metade dos efectivos presentes nas fileiras para permitir as ceifas, de sorte que ficarão uns 50 a 60 soldados como efectivo de um regimento de infantaria.

Relativamente às escandalosas influencias políticas, que se moviam para a colocação dos officiaes, tambem o próprio ministro, que publicou o decreto de 30 de maio último, confirma a veracidade do facto. E' por isso que vamos analizar esse decreto.

V — O decreto de 30 de maio relativo às colocações e transferencias dos officiaes

— Para dar satisfação a uma parte das reclamações dos officiaes, o ministro da guerra determinou que, de futuro, os diversos destinos, desde 2.^{os} tenentes a tenente coronel, serão dados, segundo as circunstancias, por *antiguidade*, por *concurso*, ou por *escolha*.

No preambulo do dito decreto o ministro justifica a razão de ser desta medida, pois diz «que serão os méritos pessoais e não as recomendações, que constituirão a verdadeira e justa recomendação; e que assim irão desempenhar funções de grande importancia verdadeiras capacidades e talentos, que hoje permanecem ignorados ou obscurecidos, evitando-se desta forma a perniciosa influencia da recomendação, tão arreigada na vida social espanhola, estirpando-se assim os males produzidos nos destinos de Africa, Baleares e Canarias».

Procurando dar remédios a um tal estado de coisas, o decreto estabelece:

- 1.^o — Que as colocações dos officiaes, desde 2.^o tenente a tenente coronel, seja subordinada à *antiguidade*, em harmonia com determinados preceitos;
- 2.^o — Que o desempenho de certos cargos especiais será concedido por meio de *concurso*, estando neste

caso as colocações — no Estado Maior Central, na escola superior de guerra, na escola de equitação militar, na escola central de tiro do exército, nas academias militares, nos colégios de orfãos e no Depósito de Guerra;

3.º— Que a colocação será por *escolha*, entre os que a solicitem, nos seguintes cargos:

Casa militar d'el-rei e esquadrão da escolta real, ministério da guerra, conselho supremo da guerra e marinha, serviço de aeronautica, adidos militares no estrangeiro, comando dos corpos, ajudantes de campo dos generais, chefes das comissões topográficas do corpo de estado maior, chefes das comandancias de engenharia de praça, pessoal técnico de artilharia (fábricas, gabinete de precisão, centro electotécnico, etc.), pessoal técnico de engenharia, pessoal técnico da Intendencia, pessoal dos corpos de saúde militar e veterinária, institutos de hygiene, laboratórios, etc.

— Para certos lugares teem preferencia os officiaes condecorados com a cruz de S. Fernando (lei de 1 de março de 1909).

Tambem não ficou alterada a lei de preferencias relativa aos officiaes diplomados com o curso da escola superior de guerra (decreto de 31 de maio de 1904).

Todos os officiaes que pretendam colocação ou mudança de situação teem de o solicitar pelas vias competentes nos primeiros cinco dias de cada mês.

— Fazendo a classificação de todas as funções que podem ser desempenhadas pelos officiaes das diferentes armas e serviços quer por *antiguidade*, quer por *concurso*, quer por *escolha*, foi organizada a seguinte lista:

Armas e serviços	Por antiguidade	Por concurso	Por escolha
Estado maior.....	133	43	18
Infantaria.....	3.461	88	42
Cavalaria.....	914	65	43
Artilharia.....	850	66	105
Engenharia.....	323	36	100
Intendencia.....	429	27	68
Intervenção.....	156	1	10
Saúde militar { medicina.....	402	9	59
{ farmácia.....	89	1	18
Veterinária.....	160	—	5
Corpo jurídico.....	32	—	10
Secretariado militar.....	214	—	79
Total.....	7.163	336	557

VI — Os exames de admissão nas academias militares

—A partir de 1918 as provas para a admissão nas diferentes academias militares formarão 2 grupos. O primeiro compreenderá—a gramática castelhana, o francês, o desenho, a geografia e a história geral e a particular da Espanha.

O 2.º grupo será constituído pelas matemáticas.

Os exames das matérias dos dois grupos podem ser feitos no mesmo concurso, ou em concursos distintos.

Para ser admitido às provas do 1.º grupo deverão os candidatos ter, pelo menos, 13 anos. Estas provas são válidas indefinidamente.

Para ser admitido às provas do 2.º grupo é preciso ter sido aprovado nas do 1.º grupo e ter a idade mínima de 15 anos. Os candidatos que num concurso não sejam admitidos nas academias, tem de repetir num novo concurso o exame das matérias do 2.º grupo. No concurso de 1918 ainda pode ser dispensado o exame das disciplinas do 1.º grupo, quando apresentem cartas dessas disciplinas passadas pelos estabelecimentos oficiais de ensino secundário.

V. J. CESAR.

Consumo e reabastecimento de munições na guerra

O progresso alcançado pelas armas de fogo e as variações introduzidas na tática elevaram enormemente o consumo das munições.

Na guerra actual, a grande duração das batalhas veio aumentar consideravelmente o consumo de munições. Ao passo que nas guerras passadas as batalhas se decidiam, em geral, em um dia, podendo-se prolongar dois ou três mais, na guerra de hoje a luta dura meses e meses; e durante todo este tempo os adversários, situados frente a frente em posições entrincheiradas, combatem sem cessar e gastam cartuchos sem conta.

Os dados abaixo apontados, dão uma ideia concreta sobre a proporção progressiva crescente do consumo de munições em vários feitos de armas.

Uma espingarda disparou em um dia:

	Cartuchos
Na batalha de Leipzig, 1813 (prussianos)	20
" " " Plewna, 1877 (russos)	28
" " " Liao-Yang, 1904 (idem)	170
" " " Schaho, 1904 (idem).....	400
" " " Muckden, 1904 (idem).....	367

Cada canhão disparou por dia, termo médio:

	Tiros
Em Solferino, 1859 (austriacos)	29
" Vionville, 1870 (alemães)	74
" Gravelotte, 1870 (franceses)	90
" Sedán, 1870 (alemães).....	55

O máximo número de tiros por canhão e por dia foi:

	Tiros
Em Koeniggratz, 1866 (austriacos).....	217
" Gravelotte, 1870 (alemães).....	101
" " 1870 (franceses).....	221
" Sedan, 1870 (alemães).....	156
" Muckden, 1904 (russos).....	504

Na guerra de sitio o atacante disparou:

	Tiros
Na guerra da Crimeia contra Sebastopol.....	1.280.000
Contra Strasburgo, 1870.....	193.537
" Paris, 1870.....	115.591
" Porto Artur, 1904.....	194.000

Que quantidade de projecteis se gastará na guerra actual? Tal pergunta salta à boca de toda a gente. Não se possuem, todavia, dados suficientes para poder fazer um cálculo médio.

Interessante é a comunicação oficial francesa de 17 de Junho de 1915 sobre o consumo de munições de artilharia. Segundo a referida comunicação, no sector norte de Arraz — onde se lutou com particular denodo — os franceses lançaram cerca de 300.000 granadas em um dia. Se a maior parte destas granadas fossem de 75 ^m/_m, pode-se calcular para cada projectil completo um peso médio de 15 kg., o que dá um peso total de 4.500 toneladas métricas, para cujo transporte seriam necessários 15 comboios, e esta enorme quantidade para um só dia de combate em uma frente reduzida.

Na ofensiva francesa de 26 de Setembro de 1915, foram atirados — durante 50 a 70 horas — cerca de um milhão de projecteis. Se tomarmos o termo médio da duração do fogo, isto é, 60 horas, deduz-se que o consumo subiu a uns 16.700 projecteis por hora.

A fim de que as tropas possam dispor das suficientes munições no combate, aumentou-se, nos ultimos tempos, a provisão de munições. Mas este aumento é limitado, em resultado do seu peso. O infante não pode transportar senão determinado peso, os carros tem um peso fixo a transportar, e o número dêles é tambem limitado. É certo que se pode aumentar

o número de carros e colunas, mas isto tem os seus inconvenientes no que respeita à sua aplicação tática. Já se tem aumentado o suficiente no ultimo decénio, as bagagens e colunas de maneira que um aumento a mais parece materialmente impossível. Precisamente, uma das causas principais por que não se tem adoptado a espingarda automática tem sido proveniente da dificuldade do municciamento.

Na infantaria tem-se conseguido aumentar a dotação de munições, devido à diminuição que tem experimentado o calibre da espingarda, mas parece que já se chegou ao limite do decrescimento do calibre com a espingarda de 6,5 ^m/_m.

O peso do cartucho de infantaria é:

	Gramas
Na Alemanha	27,19
" Austria	28,35
" França	29
" Inglaterra	27,5
" Itália	22
" Russia	25,8
" Japão	22,4

Na infantaria distingue-se primeiramente a "dotação individual", isto é, o número de cartuchos que deve levar consigo cada indivíduo, parte na cartucheira e parte na mochila.

O numero de cartuchos é limitado, para evitar que o soldado seja sobrecarregado com um peso excessivo que o incomode na marcha. No geral, cada homem leva hoje consigo 120 a 200 cartuchos. Mas como esta dotação é insuficiente e pode acabar-se apenas iniciado o combate, são as tropas dotadas com um carro de munições, que forma o que se chama "trem de combate", o qual as acompanha sempre. O emprego das metralhadoras elevou ainda mais o consumo de munições e, por conseguinte, a dotação no trem de combate.

Os carros de munições de infantaria são semelhantes aos da artilharia, e compõem-se de dois jogos: dianteiro e trazeiro. Na Alemanha os carros de campanha são puchados a uma parelha e pesam vazios 450 kg. Os cofres, colocados adiante e atraz, teem as suas respectivas portas. O interior do cofre está dividido em quatro compartimentos, em cada um dos quais podem caber 16 caixas em sentido vertical. Cada caixa contém

15 pacotes com 15 cartuchos cada um. A caixa, com 225 cartuchos, pesa 7, ^{kg}25.

Cada carro transporta 14.400 cartuchos, assim como, a cada espingarda, corresponde uns 77 cartuchos nas companhias de 200 praças.

O resto das munições de infantaria é transportada nas colunas de munições, das quais possui quatro cada corpo de exercito.

Os carros destas colunas são puchados a duas e três parelhas; os de 4 cavalos são mais ligeiros e por isso mais moveis, mas levam menor número de cartuchos. As colunas de munições com carros a 6 cavalos constam de 23 carros, e com carros de 4 cavalos 34. As colunas são divididas em duas meias colunas e um comboio de complemento. Cada coluna transporta 662.400 ou 765.000 cartuchos, conforme se trate de carros a três ou duas parelhas. Na Alemanha há um novo modelo de carros, e diz-se que cada coluna, dotada destes novos carros transporta cerca de 800.000 cartuchos.

A seguir vai indicada a dotação de munições adoptada em vários exércitos.

Nações	INFANTARIA				CAVALARIA		Observações
	Dotação individual	Em carros	Nas colunas de munições	Total	Leva consigo	A dorso e em carros	
Alemanha.....	150	70-80	140-160	375	45	—	Além disso cada regimento de cavalaria leva petardos.
Austria.....	120	45	160	325	80	50	
França.....	120	65	110	295	66	—	
Russia.....	120	66	80	266	40	25	
Inglaterra.....	150	100	200	450	150	100	
Itália.....	138	24	—	—	90	—	
Japão.....	200	50	—	—	—	—	

As munições para as metralhadoras são as mesmas que as de espingarda.

Os cartuchos vão presos, em número de 250, em cintos ou camaras, ou também em cartucheiras de folha de lata ou latão. Na Alemanha cada máquina leva 6 cofres, cada um com um cinto de 250 cartuchos, no total 1300 cartuchos. Na arti-

lharia, o aprovisionamento de munições é diferente e depende da peça e seu calibre.

A artilharia montada de campanha leva projecteis no jogo dianteiro (carro da peça) e, além disso, e em 6 carros, de maneira que a cada peça corresponde um carro (baterias alemãs a 6 peças).

Quer dizer, que a bateria leva consigo:

	Tiros
Em 6 armões, com 36 projecteis cada um.....	216
Em 6 carros de munições, que conteem:	
No jogo dianteiro, cada um 36.....	216
" " trazeiro, cada um 54.....	324
" " dianteiro do carro observatório.....	36
" carro para o primeiro aprovisionamento.....	36
Total.....	828

Correspondem a cada peça 138.

Nas baterias a cavalo este número é 6 vezes maior. A cada grupo de artilharia corresponde uma coluna ligeira de munições composta de 24 carros. Enquanto que os carros de munições marcham com a bateria, as colunas de munições, em geral, marcham separadas no fim das tropas de divisão, reunidas sob o mesmo comando. O resto das munições de artilharia marcha com as colunas de munições do corpo de exercito.

A cada corpo de exercito corresponde 8 colunas, das quais uma transporta as munições de artilharia e compreende 21 carros. Estas colunas estão subdivididas em duas meias colunas e um trem complementar.

Em cada corpo de exercito — em formação normal — acha-se compreendido um batalhão de obuses pesados de 15 cm., que compreende quatro baterias a 4 peças. A cada bateria corresponde 4 carros de munições e além disso um escalão com 4 carros.

Ao batalhão corresponde, além disso, uma coluna ligeira de munições e um grupo de colunas de munições de artilharia a pé, de 8 colunas cada uma. Este grupo reúne-se às outras colunas do corpo do exercito.

Se no corpo do exercito houver, além disso, um batalhão de morteiros, este batalhão compreende duas baterias a 4 peças cada uma, e 4 carros de munições, uma coluna ligeira de munições e um grupo de colunas de munições de artilharia a pé de 4 colunas.

Ao efectivo de guerra das diferentes colunas correspondem os algarismos seguintes:

	Homens	Solipedes	Viaturas
Colunas ligeiras de munições	270	130	29
Grupo de colunas dos batalhões de obuzes pesados	860	810	163
Coluna dos batalhões de morteiros . . .	440	410	83
Idem de munições de infantaria a 6 cavalos	186	197	28
Idem, idem, a 4 idem	200	198	39
Idem, idem de artilharia	185	193	28
Artilharia a pé	105	101	20
Colunas de munições de étapes	136	136	58

Uma coluna ligeira de munições compreende:

	Tiros
26 jogos dianteiros (um contêm só 30)	858
24 jogos trazeiros a 54 tiros	1.296
Total	2.154

Para cada peça 120 tiros e no total para cada peça, incluindo os 138 que vão com a bateria, 258.

Além disso, há as colunas de munições de artilharia, cujo número não se conhece ainda.

Aos obuzes ligeiros corresponde:

Na bateria:

	Tiros
6 carros de peça a 24 tiros ^c / _u	144
6 jogos-dianteiros dos carros a 28 ^c / _u	156
6 jogos-trazeiros a 32 ^c / _u	192
No jogo-trazeiro do carro observatório	26
No mesmo do carro de primeiro aprovisionamento	26
Total	544

Para cada peça na bateria, 90.

Nas colunas ligeiras de munições para obuzes:

	Tiros
24 jogos-dianteiros a 26 tiros.....	624
24 jogos-trazeiros a 32 tiros.....	768
Total.....	1.392

Corresponde a cada peça, 77.—No total, 167.

Há que juntar, além disso, o número de tiros das colunas de munições de artilharia, que é desconhecido. Pode-se, todavia, calcular, *a priori*; para cada canhão de campanha uns 130 tiros a mais para cada obuz ligeiro 70, assim como no total correspondem de 373 a 273, respectivamente.

Observação—Na Austria não existem as colunas ligeiras de munições. O seu papel é desempenhado por qualquer das quatro colunas de munições do corpo de exercito.

As baterias de peças de campanha teem para cada canhão na bateria:

	Tiros
6 carros de peça $\frac{c}{u}$ com 33 tiros, justos.....	198
6 jogos-dianteiros dos carros de munições $\frac{c}{u}$ a 33 tiros, juntos.....	198
6 jogos-trazeiros dos carros de munições $\frac{c}{u}$ a 60 tiros.....	360

Corresponde a cada peça, 126.

Corresponde à bateria, no total, 756.

Além disso, nas quatro colunas de munições de divisão da infantaria, (24 carros Md. 5) ou divisão de cavalaria (12 carros).

Em cada carro de munições, 93 tiros; como os carros são 24, o total será 2.232 tiros, e o total para a bateria 10.404 tiros.

Os obuzes de campanha nos 6 carros de peça $\frac{c}{u}$ a 21 tiros, ao todo 126 tiros; em 12 jogos-dianteiros dos carros de munições $\frac{c}{u}$ a 21 tiros, ao todo 252 tiros. Em 12 jogos-trazeiros $\frac{c}{u}$ a 30 tiros, ao todo 360 tiros.

No total para cada peça, 123.

No total para cada bateria, 738 tiros.

Além disso, em quatro colunas de munições da divisão de infantaria cada coluna a 12 carros.

Nos 48 carros a 60 $\frac{c}{m}$, 1440.

No total para a bateria, 2178.

Nas baterias de montanha, cada peça na bateria tem 128 tiros, e além disso, outros 128 nas colunas de munições de montanha.

Em França, as baterias de campanha, (peça de 75 $\frac{m}{m}$), compreendem 4 peças e 12 carros de munições, dos quais 6 correspondem à «bateria de tiro» e o resto aos «escalões de combate». Os escalões de combate correspondem às «colunas ligeiras de munições» na Alemanha.

A bateria de tiro contém nos seus seis carros 108 tiros por peça. O escalão de combate contém 204 tiros por peça. O parque de artilharia do corpo de exercito contém 189 tiros por peça. Corresponde às «colunas de munições da artilharia» na Alemanha. O grande parque de artilharia do exercito contém 200 tiros por peça. O primeiro escalão mantém-se a uns 5 kl. da linha de batalha.

No total correspondem 501 tiros por peça na linha de batalha e 701 no grande parque de exercito. Pelo que respeita às munições de artilharia pesada, a sua dotação depende do calibre e do peso, conforme se trata de obuzes ou morteiros.

As colunas de munições são formações que transportam grandes quantidades de munições e que, consideradas como reservas moveis na mão do comandante do serviço de munições, servem às tropas combatentes.

O emprego tático das colunas de munições corresponde ao chefe do serviço respectivo. Durante a marcha as colunas de munições seguem as tropas combatentes.

Na guerra actual sofreu algumas modificações o serviço das colunas de munições, pois compreende-se que mantendo-se os exercitos imoveis nas suas respectivas trincheiras, o emprego tático das colunas de munições não há de ser o mesmo que na guerra de movimento.

Para a reunião das munições estabeleceram-se os armazens de campanha a alguns quilómetros da frente em diferentes sectores. Desde logo estes armazens estão situados em lugares adequados, para que no caso de evacuação esta se efectue sem o menor obstáculo.

Considerações sôbre o submarino e a arte da guerra marítima

O desenvolvimento alcançado pelo submarino durante a guerra actual, se não veiu iniciar uma nova época na arte da guerra marítima—e talvez seja prematuro afirmar semelhante tese—o que indubitavelmente produziu foi a transformação radical dos princípios essenciais porque se regia aquela arte.

Não considerando outras questões importantes relativas à actividade dos submarinos, como são as que dizem respeito ao direito internacional, em cujo campo o largo aproveitamento que se está dando a estas unidades fez surgir interessantes e inesperados problemas, para só nos preocuparmos com o estudo dos seus aspectos militares, facil será reconhecer que a possibilidade de emprego dos submarinos, nas condições em que tem sido usado actualmente, alterou, duma forma sensível, as bases principais da guerra no mar.

A doutrina da arte da guerra marítima é de recente criação. Foi no princípio do século passado que começaram a assentar-lhe os primeiros fundamentos teóricos, desenvolvidos, confirmados e coordenados depois nos poucos anos decorridos do actual. Ora, foi exactamente quando os princípios fundamentais daquela doutrina tinham obtido geral aceitação, que o submarino se revelou como instrumento capaz de realizar, com pleno sucesso, vários objectivos até hoje reputados intangíveis para êle, ou de impedir a realização doutros que os seus adversários consideravam perfeitamente garantidos. Indicarão estes factos que está próximo o termo do período do vapor? Estaremos no início da época do submarino?

E' difficil e inutil fazer previsões em tal matéria; os factos impõem-se e o nosso dever é extrair deles as lições que encerram.

Deve-se notar, todavia, a título de simples coincidência, que, assim como o período do vapor começou quando o na-

vio de vela tinha fixado definitivamente as suas características, também agora — que a acção do submarino atinge um alto grau de perfectibilidade, ainda que por enquanto se desconhecem muitos detalhes que só mais tarde se poderão saber — tinha a marinha de vapor ascendido a um nível absolutamente comparavel ao do período vélico, na ocasião em que o tipo que o definiu começou a declinar. Estabeleceram-se as relações entre os seus elementos característicos, determinaram-se-lhe os factores tacticos e estratégicos, e se hoje já alguém pensa em modificar as conclusões a que nos conduziu a experiencia de longos anos de estudo, logo aí encontraremos a influencia do submarino, porque a não ser assim, quando as alterações propostas nos navios de linha são mais modestas, então a relação entre os seus elementos característicos não é fundamentalmente alterada.

Dir-se-ha, por ventura, querendo contestar ao submarino os seus reconhecidos méritos, que a acção por êle realizada depende muito das condições geográficas e hidrográficas dos mares em que operam e que não é, por conseguinte, um elemento de combate de applicação geral. Sem duvida tem havido, até ao momento presente, franca e bem aproveitada ligação entre as especialíssimas condições das zonas em que os submarinos actuam mais intensamente — podendo ser as outras consideradas como simples teatros de operações accidentais — e o exito dos cruzeiros por eles realizados. Reforçando este modo de ver, outro argumento se tem empregado dando-lhe todo aspecto de plausibilidade: é que esta classe de navios se distingue por possuirem pequeníssima autonomia, o que não comporta a realização de movimentos de grande vulto. E' certo que assim é, ou assim parece ser, mas não é menos também que foi essa uma das razões invocadas pelos partidários do navio de vela contra a adopção do vapor na marinha de guerra, e não obstante tal razão, que era absolutamente exacta, não impediu que o navio de vapor fosse adoptado, evolucionasse e, por fim, se considerasse apto a desempenhar todas as missões militares que logicamente lhe podiam ser cometidas. A pequena autonomia dos submarinos, pelo que desde já se pode apurar, tem toda a apparencia de ser uma daquelas *fatalidades reductiveis* de que fala um illustre psicólogo francês.

Como neste momento a ninguem é dado dizer em que altura estamos na construção de submarinos, também a ninguem será lícito afirmar se eles poderão desprender-se das particulares condições geográficas e hidrográficas dos teatros de operações em que mais activamente tem exercido a sua acção. Nos tempos que vão correndo esses assuntos são naturalmente reservados; é necessário esperar que o segredo se quebre e, pelo que então vier a lume, fixar a capacidade militar do novo instrumento de combate.

Mas, supondo mesmo que, com mais completo conhecimento do submarino e até da sua arma particular — porque não é presumível que o torpedo se conserve estacionário quando tão rapidamente evoluciona o seu mais eficaz agente de utilização — se chega ao convencimento de que as suas possibilidades como unidade militar não excederão durante muito tempo aquilo que já hoje se reconhece como mínimo, ainda assim tão amplas são as oportunidades do seu emprego, que não poderá deixar de trazer profundas modificações na arte da guerra marítima. Estudando-as sumariamente não iremos de encontro ao propósito manifestado pela *Revista Militar* quando soaram os primeiros tiros da conflagração europea, porque não se trata de crítica da guerra, mas sim de factos que são do conhecimento geral, oficialmente comunicados do alto das tribunas parlamentares, e das suas provaveis consequências. Tão longa tem sido a presente guerra que no seu decurso muitas lições se tem aproveitado, modificado processos, alterado métodos, chegando até a cria-los novos.

O bloqueio sob o ponto de vista militar

Quando, após a guerra hispano-americana, o comandante Mahan estudou aquêlê notavel acontecimento no volume intitulado *Lessons of the war with Spain*, deixou consignada nas páginas desse livro interessante a muitos respeito, a alta importancia do bloqueio entre todas as operações da moderna guerra marítima. Mais tarde outros escritores, igualmente ilustres, vieram afirmar categoricamente que o bloqueio é a a operação fundamental da guerra marítima. Sem duvida êle constituia o meio mais adequado para forçar o inimigo a aceitar combate, para o coagir a desenvolver a acção numa de-

terminada zona que melhor convenha ao atacante, para neutralizar o poder das suas forças quer activas quer no estado de potencia; era, emfim, a maneira mais vantajosa de conseguir o domínio do mar. Tomou assim foros de dogma a tese que definia o bloqueio como fundamento da guerra naval; afirmaram-se, então, todos os seus caracteres jurídicos e estudaram-se as suas várias modalidades militares. Surgiu, porem, o submarino com o alto poder destruidor que o caracteriza nos presentes dias, e os aspectos jurídico e militar do bloqueio ficaram alterados completa e profundamente.

Relativamente ao primeiro é de esperar que, acabada a guerra, o problema seja resolvido e discutido nos congressos; o segundo é que ha de ressentir-se por muito tempo, talvez para sempre, das transformações que experimentou nestes últimos tres anos.

O bloqueio em qualquer das suas formas clássicas é actualmente impossivel de executar. O submarino tem obrigado o bloqueador a afastar-se cada vez mais do litoral, tornando-se assim aquela operação absolutamente illusória, sobretudo se o atacante não disporer duma base convenientemente defendida nas proximidades da costa inimiga. Quando se não der esta circumstancia favoravel nem o próprio bloqueio comercial será possivel, quanto mais o militar. E à medida que a autonomia dos submarinos for crescendo, maiores serão as dificuldades que terão a vencer as forças encarregadas de o executar.

Contra o ataque dos torpedos efectuado pelos *destroyers* e torpedeiros havia sempre, além doutras, a garantia muito real e positiva de afastar o nucleo principal das forças bloqueadas do ponto bloqueado, sobretudo de noite, que era quando o ataque se poderia realizar com maiores probabilidades de exito, conservando só nas proximidades do litoral as forças ligeiras necessárias para observar os movimentos do adversário, transmitir notícias e estabelecer o contacto com aquele até à chegada do corpo principal. O bloqueio levado a cabo nestes termos, sendo já assás difficil e fatigante, era todavia possivel e eficaz, porque a base do corpo de batalha poderia ser improvisada e tornava-se, até certo ponto, facilmente defensavel, e porque as forças de observação tambem sem grande difficuldade se organizavam, visto que o principal requisito a que deviam obedecer era disporem de boa velocidade. Desta forma

conseguiram os japoneses levar a bom termo o bloqueio de Porto Artur que, apesar de ter sido efficacíssimo, não lhes custou perdas importantes nem directas.

O moderno desenvolvimento do submarino veio alterar inteiramente as normas adoptadas na organização do bloqueio. Em primeiro lugar as forças ligeiras encarregadas de manter a exploração e contacto com o inimigo correm risco de ser torpedeadas, porque mesmo as unidades que com mais vantagem se tem empregado no ataque contra submarinos, os *destroyers*, até esses se não podem considerar libertos do perigo de serem atingidos; ao que se diz, e com todos os visos de verdade, mais dum tem sido vencido nestas condições. Por outro lado o submarino poderá ir procurar o corpo principal das forças bloqueadoras na sua propria base e atacá-lo, se não estiver bem defendido, ou esperá-lo nas proximidades e afundá-lo logo que tenha saído da zona das defesas. E assim o bloqueador passará, segundo todas as probabilidades, a ser bloqueado.

É certo que aproveitando as qualidades particulares do submarino poderá êle substituir vantajosamente, pelo menos em certos casos, as forças encarregadas da exploração da zona bloqueada. Segundo noticias fidedignas já na actual guerra esse critério foi aplicado, se é que não continúa ainda a sê-lo, mas tudo leva a crêr que não terá sido bem sucedido. De facto basta um pouco de atenção para concluir que o bloqueio não melhorará consideravelmente pelo emprego dêste novo sistema. O serviço continuado de exploração, que é muito fatigante para os navios de superficie, tornar-se há consideravelmente penoso para os submarinos; mas, independentemente disso, que constitue sem dúvida uma grave circunstância muito digna de ser ponderada, outra há ainda que mostra á evidência a ineficácia do esforço empregado no serviço de exploração; é que nem pelo facto de o ter garantido mais eficazmente, o corpo principal das forças bloqueadoras fica livre do risco de ser visitado ou procurado pelos submarinos do bloqueado.

De resto, se o serviço de exploração aerea não atingiu ainda o grau de perfeitabilidade necessária para ser utilizado proveitosamente em muitas circunstâncias, o que já permitem os recursos actuais é que se realize em boas condições atmosféricas e de dia a vigilância regular e metódica dentro de qual-

quer zona limitada, como seria o porto bloqueado, reconhecendo-se, por esta forma, a existência e situação das forças submarinas do bloqueio e, por ventura, até mesmo, atacando-as ou fazendo-as afastar. O caso do submarino francês *Faucault*, atacado com exito por submarinos austriacos em Setembro do ano passado, é bastante significativo. As mesmas considerações poderão aplicar-se certamente à base de operações eventual do corpo de batalha do bloqueador, mas êste, resignando-se a esse papel, implicitamente aceita a situação passiva de bloqueado e não a activa de atacante.

Foi a acção dos submarinos que orientou a Gran-Bretanha nas medidas que sucessivamente tem adoptado em relação à guerra marítima. As operações contra a Alemanha iniciou-as pelo emprego do bloqueio na sua forma classica, mas como a breve praso tivesse reconhecido que os processos consagrados pelo tempo e pela teoria estavam condenados a desaparecer deante da nova arma, abandonou o bloqueio e recorreu ao uso das zonas de guerra, creando assim uma fase nova na arte militar naval, se bem que, diga-se de passagem, o assunto interessa mais às subtis especulações do direito internacional marítimo, do que caiba propriamente no ambito da arte da guerra.

A perda, em alguns minutos, de três importantes unidades como eram o *Hogue*, *Cressy* e *Aboukir* levada a efeito, pouco tempo depois do rompimento das hostilidades, pelo celebre *U 29*, demonstrou claramente às autoridades navais britannicas que o bloqueio com as características que o direito, a tradição e a teoria lhe impunham não era viavel e exigia pesados e inúteis sacrificios. Como depois daquela época êle tem sido efectuado é coisa que ainda não se sabe segura e positivamente, mas o que não é ousadia afirmar é que não terá sido realizado como o almirantado britânico o iniciou, nem como faria prever o grande e incontestavel poder marítimo de Inglaterra.

É verdade que, apesar de tudo, o trafego marítimo da Alemanha está paralizado há três anos em todos mares além do Báltico, mas para que a lição actual seja realmente proveitosa é necessário não perder de vista as circunstâncias especiais que a affectam e, portanto, se não desprezem, pelo menos, duas circunstâncias altamente importantes: uma é a excepcional situação da Inglaterra relativamente ao litoral germanico, bar-

rando-lhe as saídas e tendo, por conseguinte, a possibilidade de exercer fiscalização mais ou menos eficaz nas aguas em que se exerce o trafego do inimigo, circunstância que não se daria se outra fosse a sua situação; o segundo facto a ponderar é que o bloqueio apresenta duas faces, ambas igualmente transcendententes para quem o quizer efectivar com todo o rigor. O bloqueio rigoroso deve por um lado impedir o menor movimento dos portos inimigos e por outro, e como consequência do anterior, garantir ampla e absoluta liberdade de acesso aos seus próprios portos. Ora se a primeira condição se tem mais ou menos efectuado, no caso que consideramos, outro tanto, como é público e notório, não se poderá dizer de segunda.

Assim, na hipótese mais favoravel, que é o caso anglo-alemão, se o submarino não impediu completamente o bloqueio da Alemanha, por seu turno o bloqueio inglês não obistou a que a própria Inglaterra esteja sendo um tanto ou quanto bloqueada. E que isto é verdade prova-o o facto de a Gran-Bretanha ter desistido do seu intento quando se propoz bloquear outros portos fora do mar do Norte, assim como a França e a Itália também renunciaram praticamente ao das costas austriacas. A malograda empresa dos Dardanelos, tão cara sob outros pontos de vista, não foi menos debaixo do aspecto particular da guerra submarina; e este caso — porque representa o geral e não o particular, como acontece no mar do Norte, onde excepcionais condições de proximidade e configuração das costas inglesas e alemãs dão à questão um aspecto muito especial — é que se deve tomar como exemplo de acção dos submarinos no bloqueio moderno.

Guerra de corso

Não foi só o bloqueio — e já seria muito, visto ser considerado a operação fundamental da guerra marítima — que veio a ser afectado pelo desenvolvimento actual do submarino. A guerra de corso, que o direito tinha quasi universalmente repudiado e que o emprego do vapor tornára de utilidade extremamente precária, resurgiu nestes nossos dias, em que o direito se não respeita e o vapor foi exaurado do seu antigo prestigio, tornando-se uma coisa prática sob o ponto de vista

militar, se bem que pouco moral sob o ponto de vista humanitário, pelas duras conseqüências que impõe.

A acção submarina levada a cabo pela Alemanha nos tempos que decorrem é fundamentalmente a guerra de corso, porque o seu objectivo capital é o trafego marítimo dos aliados e em particular da Inglaterra a quem quer privar de recursos exteriores, pelo que se vê obrigada a atacar igualmente os neutros que se empregam no transporte de contrabando de guerra do ou para os portos inimigos.

É aforismo da guerra naval que a luta contra inimigo insular se resolve principalmente pela exaustão a que o adversário o submeta. O critério predominante nesta matéria era, até há pouco, aquele que enunciou Bonamico afirmando que o bloqueio geral garantia a possibilidade de produzir o esgotamento do inimigo se as suas condições geográficas o impedissem de alcançar recursos por outras vias que não fosse a marítima. Ora o submarino na sua função de corsário, cuja legitimidade não nos compete discutir e não interessa ao nosso ponto de vista especial e restrito, é perfeitamente apto para realizar aquele objectivo. É possível que até agora o não tenha alcançado, mas como o submarino é um instrumento novo de guerra, e reputamo-lo novo porque só modernamente se tornou de utilização prática, será susceptível de progressos¹ e nada se opõe, portanto, a que contemos com a sua adaptação ao corso, tanto mais que as experiências de agora parecem não ser totalmente desanimadoras.

Como o submarino se vai tornando cada vez mais autónomo² e como também se admite que ele possa ser assistido no mar por outros navios da mesma classe, convenien-

¹ Que actualmente se estão realizando grandes progressos na construção de submarinos é facto incontestável e para o provar basta ler o que diz, por exemplo, a *Rivista Marittima* (italiana) no seu número de fevereiro-março do corrente ano a pags. 260 e 261. Dos melhoramentos efectuados pelos aliados nos seus submarinos ninguém cometeria agora a inconfidência de os comunicar ao público, mas certamente também os haverá e grandes, e depois da guerra os conheceremos.

² Pouco antes da guerra discutia-se no mundo marítimo a questão do submarino de esquadra; hoje já se tornou possível, pelo menos, a travessia do Atlântico e até mais do que isso, se dermos crédito a certos rumores, não confirmados, que teem corrido ultimamente.

temente dispostos para esse efeito, tudo nos leva a concluir que se poderão organizar com submarinos especialmente preparados, as necessárias bases de operações dos corsários e, por conseguinte, que o âmbito em que estes operem chegue a ser tão grande que a guerra do curso se possa intentar mesmo contra um país continental e com efeitos semelhantes, se não superiores, aos do bloqueio. E, desta maneira, mais um preceito da classica arte da guerra naval se afunda aos golpes do submarino, porque até hoje era considerado como dogma o princípio de que o curso não podia ter efeito decisivo.

Operações contra portos fortificados e ataques á viva força

Se bem que outros elementos defensivos tivessem desacreditado já há muito este genero de operações, o que é certo é que por motivos de ordem moral, mais que de carácter militar, ainda em algumas ocasiões se tem arriscado as forças navais aos perigos certos que daí resultam para adquirirem algumas vantagens reputadas suficientemente compensadoras dos prejuizos sofridos; a campanha dos Dardanelos confirma o que acabamos de dizer. Ora o submarino trazendo para a defesa um novo elemento, e dos melhores por virtude da mobilidade de que pode dispôr, tornou mais arriscados os resultados absolutamente faliveis das operações desta espécie.

Dado o grande desenvolvimento que as obras de defesa tinham tomado nos ultimos anos só restavam algumas probabilidades de exito ao bombardeamento a distância, empregando o grande alcance da artilharia dos modernos navios de combate e o desembarque longe dos pontos defendidos, mas tanto contra uma como contra outra destas operações o emprego dos submarinos é extremamente eficaz. Para se lhe opor com vantagem só restará uma solução: é o uso de navios especialmente planeados para esta especie de guerra. Convem, todavia, não esquecer o que em tempos disse o comandante Mahan a respeito de taes navios, nas páginas do livro anteriormente citado; de resto é tambem prudente considerar que, se os *monitores á prova de torpedo* estão ao abrigo do ataque dos submarinos, igualmente terão outras condições que os inibam de se afirmar como armas de combate de valor rial. Para

verificar o que acabamos de dizer não será talvez necessário recorrer ao exemplo dos Dardanelos, bastará recordar a sua acção contra a base provisória de Seebrugge, que foi improvisada e organizada depois da guerra e, por conseguinte, sem ter a capacidade de resistência das obras executadas metódicamente em tempo de paz.

Dominio do mar

O fim da guerra marítima é obter o domínio do mar; totalmente se se consegue destruir as forças inimigas, parcial ou provisoriamente se se alcança imobilizá-las ou reduzi-las à impotência, pondo-as em circunstâncias de não tentarem combate senão em manifestas condições de inferioridade. O submarino veio revelar-se iminentemente capaz de contrariar qualquer destes objectivos, sobretudo se quem principalmente o empregar nas suas operações fôr um estado com manifesta superioridade territorial, porque, então, é preceito há muito reconhecido que o domínio do mar não tem influência decisiva. A invulnerabilidade do território nacional, para quem se encontre naquelas condições, justifica a renúncia à luta marítima. O submarino está, pois, preenchendo uma lacuna que existia na organização da guerra naval; um estado pode desistir actualmente da luta marítima à moda clássica, pode reconhecer que não lhe convem ou não carece de disputar ao inimigo o domínio do mar em combate do largo, sem que por este facto fique privado de lhe produzir os maiores danos por meio dos seus corsários submarinos.

A *esquadra em potência*, que antigamente se neutralizava mediante o bloqueio, tem hoje maiores probabilidades de realizar o seu objectivo; por outro lado a acção decisiva poder-se há frustrar em virtude da ameaça representada pelos submarinos que, em dadas circunstâncias, chegarão, talvez, a transformar os bloqueadores em bloqueados.

*

* * *

O submarino alterou radicalmente as bases da arte da guerra naval porque anulou ou modificou alguns dos seus

principios fundamentais. Até que ponto será necessario refundir a teoria da arte militar naval é impossivel prever por enquanto, não só porque se desconhecem muitos detalhes da construção e uso dos submarinos, mas tambem porque estamos em plena época de transformação; não parece, todavia, aventurado afirmar que o submarino poderá dentro em pouco, juntar à sua incontestavel e efficacissima acção destruidora a de protecção ao comércio maritimo nacional.

Quando vencidas as hesitações que são inerentes ao periodo das experiências, ensaios e combinações, o submarino tiver afirmado a sua superioridade, terá tambem o torpedo batido a artilharia, como esta venceu o esporão; nesse momento iniciar-se há um novo período na arte da guerra naval, reabilitando-se aquella arma que tão mal ferida saíu da guerra russo-japonesa, não por falta de valor intrinseco, mas por deficiência dos seus agentes de utilização. Transporemos neste momento os umbrais dessa época?

Lisboa, Maio de 1917.

MATA, OLIVEIRA.



Corpo expedicionario portuguez

ROL DE HONRA

Baixas em França

Mortos :

Em 26 de abril o soldado n.º 471 da 9.^a Comp.^a do Regimento de Infantaria n.º 28, Manuel da Cruz.

Em 10 de maio, o soldado n.º 547 da 2.^a Comp.^a do Batalhão de Telegrafistas de Campanha, José Rodrigues Canhoto.

Em 23 de maio o soldado n.º 385 da 2.^a Comp.^a do Regimento de Infantaria n.º 24, Joaquim Tavares.

Em 25 de maio o 2.º sargento 2.400 da 9.^a Comp.^a do Regimento de Infantaria n.º 28, Francisco Antonio Castelo, e 1.º cabo n.º 357 da 1.^a Comp.^a do Regimento de Infantaria 24 José Dias da Costa e o soldado n.º 503 da 4.^a Comp.^a do Regimento de Infantaria n.º 28, Armando Correia.

Em 1 de junho, os soldados José Maria Garizio Beco, José Augusto d'Oliveira e Serafim d'Abreu, respectivamente n.ºs 110, 129 e 506 da 1.^a Comp.^a do Regimento de Infantaria n.º 23.

Em 2 de junho, o soldado n.º 295 da 7.^a Comp.^a de Saude, Joaquim Cherez, o soldado n.º 471 da 1.^a Comp.^a do Regimento de Infantaria n.º 35, Francisco Pedro e o soldado n.º 482 da 1.^a Comp.^a de Infantaria n.º 23, Antonio Mendes Ramos.

Em 3 de junho o soldado n.º 384 da 4.^a Comp.^a do Regimento de Infantaria n.º 35, Antonio Couceiro e soldado n.º 559 da 2.^a Companhia do Regimento de Infantaria n.º 22, Joaquim Ribeiro.

Em 4 de junho o soldado n.º 94 da 1.^a Comp.^a do Regimento de Infantaria n.º 35, Joaquim Coelho.

Em 5 de junho, o soldado n.º 106 da 12.^a Comp.^a do Regimento de Infantaria 28, Manuel Maria Cordeiro.

Em 6 de junho, o 1.º sargento n.º 321 da 12.ª Comp.ª do Regimento de Infantaria n.º 28, Ernesto Augusto dos Reis e o 1.º cabo 394 da 3.ª Companhia do Regimento de Infantaria n.º 21, Manuel da Costa.

10 de junho o soldado n.º 531 da 1.ª Companhia do Regimento de Infantaria n.º 7, Joaquim Ferreira.

Em 11 de junho o soldado n.º 538 da 1.ª Comp.ª do Regimento de Infantaria n.º 7, Joaquim dos Santos.

Em 12 de junho o soldado n.º 239 da 1.ª Comp.ª, Joaquim Vieira e o n.º 197 da 3.ª Comp.ª, Manuel Pereira Carrapeiro, ambos do Regimento de Infantaria n.º 7.

Em 18 de junho o soldado n.º 552 da 1.ª Comp.ª do Regimento de Infantaria n.º 23, José d'Almeida Camilo.

Em 19 de junho os soldados n.ºs 316, Antonio Lopes de Matos e 373, Vitorino Ferreira, ambos da 4.ª Comp.ª de Infantaria n.º 24.

Em 20 de junho os soldados n.ºs 249, Antonio Guardado e 335, João Robalo, ambos da 2.ª Comp.ª do Regimento de Infantaria n.º 23.

Em 21 de junho, o soldado servente n.º 535 da 1.ª bateria do Regimento de Artilharia n.º 2, Antonio Matos.



Armamento regulamentar da infantaria

A *Escola Central de tiro* do exercito espanhol, *secção de infantaria*, efectuou em 1910, como programa do curso de primeiros tenentes que frequentava a Escola, em setembro e outubro do mesmo ano, um estudo comparativo do armamento usado pela infantaria de diferentes paises.

Esse estudo, que abrangeu 22 modêlos diferentes, põe em evidência a nossa arma Mauser-Vergueiro que, entre todos os modêlos estudados, ocupa, em razão das suas propriedades balísticas, o primeiro lugar.

Os elementos para a comparação dos referidos modêlos acham-se compilados nos quadros juntos que na sua quasi totalidade extraímos das Informações de estudos e experiências realizados pela secção de infantaria da Escola central de tiro espanhola.

J. M. S.

Características do cartucho de infantaria em alguns exércitos

	Calibre da espingarda	BALA					CARTUCHO			Pressão por cm ² — Kg.	Dotação individual
		Diametro mm.	Comprimento mm.	Pezo em grs.	Traçado	Revestimento	Pezo da carga grs.	Comprimento mm.	Pezo em grs.		
Alemanha } m/1898.....	7,9	8	30,8	14,7	Ogival	Maillechort	2,70	82,5	27,5	3.200	150
} bala S.....	7,9	8,14	28	10	Ponteaguda	Ac. Cu. Ni	2,20	80,3	24	3.200	150
Austria m/1895.....	8	8,20	31,8	15,8	Ogival	Aço	2,75	70	29	3.000	130
Belgica m/1889.....	7,65	7,95	30,5	14,2	"	Maillechort	2,50	79,8	27	2.000	120
Espanha m/1893.....	7	7,25	31	11,2	"	Ac. Cu. Ni	2,45	78	25	3.000	150
Estados Unidos m/1903.....	7,62	7,82	25	14,25	"	Ac. Ni	2,85	85	29	3.445	200
França m/1886-93.....	8	8	30,5	15	"	Maillechort	2,75	75	29,7	2.400	120
Grecia m/1900.....	6,5	6,8	31,4	10,15	"	Ac. Ni	2,75	80	23	3.000	150
Inglaterra m/1889.....	7,7	7,89	31	14	"	Cu.	2,20	80,5	28	2.800	115
Itália m/1891.....	6,5	6,75	30,2	10,45	"	Maillechort	2,20	76,2	22,5	4.500	162
Japão m/1908.....	6,5	6,75	32,5	10,5	"	Ac. Ni	2,14	76	22,4	3.500	150
Portugal m/1904.....	6,5	6,70	30,5	10,5	"	Ac. Cu. Ni	2,45	81	23	3.200	150
Russia m/1891.....	7,62	7,8	30,5	13,9	"	Maillechort	2,13	75,7	26	2.900	120
Suíça m/1889.....	7,5	8,15	38,7	13,8	"	Ac. Ni	1,90	77,5	27,5	2.600	150

Nações	Sistemas	Espécie de projectil	Calibre	Estrias			V ₀ M × 18	Fluctua do trajectório de 300 metros (cm.)	Rectangulos de dispersão a 50 ^m		Penetração em plumbo a 50 ^m (Min.)	Comprimento da arma sem baloieta (metros)	Peso da arma sem baloieta (kilogramas)	Culatra movel	Gatilho	Extracção e expulsão do cartucho	Sistema de repetição	Capacidade do depósito	Alça	Arma branca		
				Numero	Direcção	Passo em calibros			Cm	Cm ²										Especie	Comprimento (cm)	Peso (grs.)
Alemanha	Mauser, mod. 1898	Ogival	7,9	4	D	30	630	40	75 × 72	44	685	1,245	4,100	Ferrolho de dois movimentos	Com duplo resalto de pressão	Horizontal	Lamina carregadora; depósito central e fixo	5	Circular (2 a 20)	S. B.	53	430
Argentina	" " 1891	Bala S. Ogival	7,9	4	D	31	829	23	29 × 29	8	810	1,235	3,900									
Austria	Mannlicher, mod. 1895	"	8	4	D	30	612	48	67 × 69	46	670	1,270	3,750	Idem dum só mov. ^{to}	" um resalto de pressão	Horizontal	Carregador; deposito central e fixo	5	Lamina (3 a 26)	F. B.	25	300
Belgica	Mauser, mod. 1889	"	7,65	4	D	33	614	36	69 × 60	41	680	1,277	4,130									
Bulgaria	Mannlicher, mod. 1888-905	"	8	4	D	30	615				1,281	4,400	" um resalto de pressão	Horizontal	Carregador; deposito central e fixo	5	Lamina (3 a 36)	F. B.	25	440		
Dinamarca	Krag-Jorgensen, mod. 1889	"	8	6	S	37,5	610				1,330	4,250										
Espanha	Mauser, mod. 1893	Bala D. W. M. Bala K Bala P	7	4	D	31	854	20	56 × 40	22	990	1,235	3,900	Ferrolho de dois movimentos	Com duplo idem e dente de seg. ^{ca}	Horizontal	Lamina carregadora; deposito central e fixo	5	Lamina	F. B.	25	405
Estados Unidos	Springfield, mod. 1903	Ogival	7,62	4	D	28	850	20	28 × 26	7	1,125	1,103	4,052									
França	Lebel, mod. 1886-93	"	8	4	S	30	705	34	61 × 57	35	655	1,307	4,240	" " " " " "	" " " " " "	" " " " " "	Depósito no fuste; não tem carregador	8	Degraos (4 a 8), lamina (9 a 20)	B.	52	460
Grecia	Mannlicher-Schonauer, mod. 1900	Bala D Ogival	6,5	4	D	31	718	32	68 × 65	44	800	1,240	3,890									
Holanda	Mauser-Mannlicher, mod. 1892	"	6,5	4	D	31	705	31	68 × 64	43	690	1,292	4,225	" " " " " "	" " " " " "	" " " " " "	Lamina carregadora e transportador giratorio	5	Circular (4 a 20)	F. B.	25	370
	Lee-Metford, mod. 1889	"	6,5	4	D	31	700				1,258	4,190										
Inglaterra	Lee-Enfield, mod. 1889	Ogival	7,7	5	S	32	644	38	77 × 57	44	674	1,258	4,190	Ferrolho de dois movimentos	" " " " " "	" " " " " "	Carregador; deposito central e movel	10(5)	Lamina (6 a 17) aparelho de pontaria lateral de (1646 a 3200)	F. B.	28	460
	" curta, mod. 1905	"	7,7	5	S	29	657	37			1,120	4,090										
Italia	Parravicino-Carcano, mod. 1891	"	6,5	4	D	P	706	31	54 × 48	26	690	1,290	3,820	" triplice resalto de pressão	" " " " " "	" " " " " "	Carregador; deposito central e fixo	6	Circular (6 a 20)	F. B.	30	340
Japão	Arisaka, mod. 1908	"	6,5	4	D	30	701	34	60 × 52	31	685	1,220	4,080									
Noruega	Krag-Jorgensen, mod. 1893	"	6,5	4	S	31	700				1,270	4,060	" " resalto de pressão	Vertical	Carregador; deposito lateral	5	Degraus (4 a 12), lamina (13 a 27)	F. B.	26	250		
Portugal	Mauser-Vergueiro, mod. 1904	"	6,5	4	D	31	710	28	59 × 30	17	825	1,236									3,950	
Rumania	Mauser-Mannlicher, mod. 1893	"	6,5	4	D	31	708				1,225	4,025	" " " " " "	" " " " " "	" " " " " "	Lamina carregadora; deposito central	5	Circular	F. B.	32	410	
Russia	Mossine, mod. 1891	"	7,62	4	D	32	647	38	78 × 63	49	680	1,300										4,000
Servia	Mauser, mod. 1897	"	7				680							" " " " " "	" " " " " "	" " " " " "	Carregador; deposito central fixo	5	Lamina	F. B.	30	400
Suica	Rubin-Schmidt, mod. 1889-96	"	7,5	3	D	36	652	38	55 × 47	26	705	1,302	4,300									
Suecia	Mauser, mod. 1896	"	6,5	4	D	31	705				1,245	4,050	Idem dum só mov. ^{to}	" " " " " "	Vertical	Carregador; deposito movel	12(6)	Circular	F. B.	30	400	
Turquia	" " 1893	"	7,65	4	D	33	650				1,235	4,000										
														Idem de dois mov. ^{tos}	" " " " " "	Horizontal	Lamina carregadora; deposito central fixo	5	Lamina	S. B.	46	625

CRÓNICA MILITAR

França

Estatística. — Segundo o censo publicado pelo Ministerio de Agricultura, o número de cabeças de gado de diferentes classes existentes em França, no dia 1.º de junho ultimo, era o seguinte :

Gado cavalari.....	2.227.209 cabeças
» mular	152.266 »
» asinino	332.244 »
» vacum	12.281.849 »
» lanigero.....	13.483.289 »
» suino	5.490.736 »
» cabras	469.487 »
Total.....	34.436.980 »

Segundo parece, da comparação deste censo com o correspondente ao fim do ano de 1914, resulta que aproximadamente se observa no numero de cavalos uma diminuição de 31 por 100, e que nas demais partes não se tem observado numeros tão baixos desde o ano de 1840.

Japão

Cooperação ao lado dos aliados. — A 23 de agosto de 1914 o Japão declarava guerra à Alemanha colocando-se resolutamente ao lado da Triplice Entente. O governo do Mikado, fiel à palavra empenhada, punha em execução uma das clausulas do tratado de aliança defensiva com a Inglaterra (1902-1905), tratado esse renovado em julho de 1911, precisamente no dia em que falecia em Tokio o Marquês de Komura depois de ter assegurado à sua Patria a posse da Coreia e firmado com a Russia a paz, consolidada por uma firme e indissolúvel aliança.

O primeiro golpe vibrado pelo império do Sol Nascente contra a Alemanha foi a ocupação de Kiao-Tcheon, brilhante colónia cujo desenvolvimento era motivo do mais justo e legitimo orgulho tedesco. Os nifões apoderaram-se em 7 de novembro de 1914 da fortaleza de Tsing-Tao.

Colimado o seu objectivo militar no Oriente, o Japão passou a prestar aos aliados uma preciosa cooperação muito particularmente aos russos, cujo governo se veria obrigado, a toda a pressa assinar com os Imperios centrais uma paz desvantajosa, devido a absoluta ausencia de material de guerra, se não fosse essa util e oportuna intervenção.

Enriquecido territorialmente com a anexação da Coréa, da Formosa, e de parte da ilha Sakhlina, o imperio nipónico conta actualmente para mais de 75 milhões de habitantes, dos quais 45 pertencem às quatro ilhas que formam o arquipélago ou império propriamente dito, 14 à Coréa e o restante às demais possessões.

O Japão dedica, consagra o maior cuidado e carinho ao desenvolvimento do seu comércio e industria, protegendo-os com uma esquadra poderosa e garantindo-os com um exercito bem organizado e excelentemente aparelhado.

Tributários outróra da Europa e da América do Norte no que dizia respeito ao armamento de suas tropas de terra e mar, os japoneses em menos de 30 anos libertaram-se de toda a tutela estrangeira.

Marinha.—Além dos seus quatro principais arsenais instalados em Yokosura, Kure, Sasebo e Maizuru, destinados os dois primeiros às novas construções e os dois ultimos às reparações e à marinha, dispõe ainda de mais quatro arsenais, situados dois em Kobe, um em Nagasaki e outro em Osaka.

Em 31 de maio de 1915, estes ultimos estabelecimentos tinham em construção 41 *steamers* com um deslocamento de perto de 200.000 toneladas e vários navios de guerra apresentando uma tonelagem de 125.000. Durante o ultimo semestre de 1915 as encomendas e pedidos das marinhas mercantes, nacionais e estrangeiras, aumentaram de 70.000 toneladas.

O arsenal de Tokosuka tem quatro grandes estaleiros de construção e quatro docas capazes de receberem navios de grande tonelagem.

O número de operários que em 1868 não excedia 900, atingiu actualmente dez vezes mais (9000). Esse arsenal construiu o «Satsuma» (19.200 toneladas), o «Kawachi» (20.275), o cruzeiro de batalha «Ni-Yei» (27.500), 68.000 cavalos de força e 27 nós de velocidade, e o superdreadnought «Yamashiro» de 30.000 toneladas.

O arsenal de Kuse, fundado em 1889, destina-se ao fabrico de placas de blindagem e a canhões de grosso calibre.

A Sociedade de navegação «Mitsu-Bishi» constróe nos seus estaleiros de Nagasaki, navios de guerra e nos de Kobe, «steamers» de grande tonelagem e velocidade. Em Nagasaki, as oficinas são dotadas dos mais modernos aperfeiçoamentos e aparelhadas para quaisquer construções navais.

As «Nippon Yusen Kaisha» e «Osaka Shoren Kaisha», entre outras companhias de navegação, possuem grande número de navios mercantes, atingindo a primeira 100 com uma tonelagem de 450.000 (vários navios são de 20.000 toneladas) e a segunda 140 «steamers» deslocando 240.000 toneladas.

O Estado subvenciona em grande escala as companhias, estimulando a navegação e animando a industria marítima.

No programa naval elaborado em 1914 pelo ministro da marinha constava a construção de 8 grandes couraçados do tipo «Fu-So» de 30.000 toneladas, 8 cruzadores de batalha, tipo «Kongo» de 27.500, 16 cruzeiros exploradores e 48 destroyers; mas por motivos de ordem económica apenas foi possível construir-se três cruzadores do tipo «Kongo» nos estaleiros da casa Wiakers, três dreadnoughts do tipo «Fu-So», os quais receberam o nome de «Yamashiro», «Ise» e «Hynga».

Os arsenais de Sasebo e Maizurn, fundados primitivamente para reparos, foram recentemente reorganizados para cumprir o programa naval de 1914.

Graças a essas reformas, foram, em sete meses depois, lançados ao mar 10 destroyers de 800 a 1.000 toneladas (o que constitue por si só um belo *record*, e tem ainda em construção 8 grandes unidades navais.

A esquadra japonesa possui grande número de navios antigos capazes de a auxiliarem, as tripulações são excelentes e admiravelmente comandadas por chefes instruídos. Esses navios teem prestado os mais prestimosos serviços nos cruzeiros, assegurando aos aliados a livre circulação no Pacifico e protegendo com o mais brilhante exito o transporte de tropas australianas para o continente europeu.

Exercito.—Recrutado por meio do *serviço militar pessoal e obrigatório*, o exercito niponico é servido por homens dos 17 aos 40 anos de idade, cujo efectivo em tempo de paz orça por 300.000 homens, 1.500.000 mobilizaveis em tempo de guerra, e 1.800.000 em pé de guerra. A infantaria consta de 80 regimentos a 3 batalhões com 4 companhias, 70 de linha e 4 destacados na Coreia; ao todo 154 regimentos. A cavalaria, relativamente pouco numerosa cuja remonta é difficil pela escassês de cavalos aptos para o serviço, comprehende 89 esquadrões em tempo de paz, podendo ser elevados a 171 em pé de guerra, o que equivale a 21.000 cavalos. A artilharia, devido à excelência e ao número de baterias de campanha e pesada, é a arma principal: 150 baterias montadas e em plena actividade, 100 de reserva e 25 de deposito; ou sejam 275 baterias de 6 peças de tiro rápido de 75 milímetros modelo Arisaka 1905.

As tropas japonesas de primeira linha estão armadas com uma espingarda de repetição, m/1905, de 6,^m5 de calibre, contendo um carregador de 5 cartuchos. Em consequência do seu pequeno comprimento (1,^m29), pesa apenas 4^{kg},125, inclusivé a curta baioneta de que é munida. As tropas de segunda linha usam a espingarda Murata, m/1887, de repetição, 8^m de calibre. A metralhadora em serviço é a do sistema Hotchkiss.

Camínhos de ferro.—Inspirados nos métodos coloniais ingleses, em matéria de construção de linhas ferreas, os nipões adotaram a bitola de 1^m,07 para a sua rede ferro-viaria insular na extensão de 10.000 kilometros na razão de 10 % da linha simples; o que não tem obstado a que circulem numerosos trens e trafeguem luxosos expressos.

As linhas ferreas da Coréa e Mandchuria aproximam-se muito do tipo europeu; a sua bitola é de 1^m,435.

Industria metalurgica.—A pequena quantidade e especialmente a má qualidade dos minereos de ferro nacionais teem de certo modo entravado o custo da siderurgia japonesa. Não obstante esses inconvenientes, o governo japonês procura manter a todo o transe o abastecimento das suas oficinas de aço de Wakametsu, fornecedoras desde 1904 dos trilhos para a sua rede ferroviaria, buscando na China os elementos de que precisa.

Para isso contratou com o governo de Pekin o absoluto *contrôle* das minas de Taya, situadas no territorio do Celeste Imperio.

O restante dos minereos de ferro precisos à metalurgia niponica, calculado na razão de 38 % do consumo total, provém das minas da Coréa, localizadas na embocadura do rio Tadong.

As minas, ferro, carris e oficinas de Wakametsu fornecem trabalho para 15.000 pessoas, possuem 3 altos fornos e 7 fornos Martin e numerosos ateliers.

As casas inglesas Armstrong e Wickers, interessadas na exploração das importantes oficinas de Moruran, estabelecidas em 1907, ocupam-se privativamente do fabrico de artilharia. Desde 1909 que os 10 fornos Martin de 50 toneladas trabalham, fundem, aproveitando-se dos materiais de uma fábrica vizinha.

A companhia explora hulha que produz carvões betumosos proporcionando um excelente coke.

As fabricas de Osaka consagram-se de preferência ao fabrico do novo material japonês, estudado pelo grande engenheiro militar general Arisaka.

Cooperação aos aliados.—Numerosos morteiros de 12 e 15 centímetros construídos em 1905 foram cedidos aos aliados.

Todos os arsenais e oficinas, muitos dos quais tomaram grande desenvolvimento, têm sido mobilizados pelo governo e fabricam ininterruptamente material e munições para os exercitos russos. Entre os arsenais e fabricas que mais têm cooperado para o abastecimento desses exercitos, cumpre salientar os de Kobe e Omiya, capazes de fornecerem mais de cem locomotivas e respectivos *tenders*.

Alguns outros abastecem as linhas ferreas imperiais de carros e vagons de esmerada construção, mas grande parte da materia prima é importada da Europa, o que torna o custo da obra muito elevado.

Os minereos de cobre são abundantissimos no Japão e há dezenas de anos o Imperio ocupa um lugar de destaque no mercado desse metal. De 11:000 toneladas em 1879, elevou-se a produção em 1910 a 46:900 e em 1913 a 66:000 toneladas.

O enxofre figura com o consumo de 60:000 toneladas; o petroleo atingiu em 1913 30 milhões de hectolitros; a hulha passou no mesmo ano a extrair 21 milhões de toneladas, ao preço médio de 8,50 francos por tonelada.

As industrias textis, como a seda, algodão e lã, dão serviço a mais de 50:000 pessoas.

O governo emprega os maiores esforços para que a industria lanigera progreda, instalando fabricas nacionais em Senju.

O conjunto das industrias japonesas exhibia-se pouco antes de explodir a guerra europeia como capaz de auxiliar com eficácia os aliados desde o ponto de vista dos recursos metalurgicos, até às confeções de fardamento, equipamento, etc.

A metalurgia russa, insufficiente para satisfazer às necessidades ordinarias do país em tempo de paz, faliu desde o início da campanha pela falta de estabelecimentos fabris que pudessem fornecer os artigos imprescindiveis à manutenção da guerra: canhões, morteiros, espingardas, ferramentas, materiais de caminhos de ferro, etc.

As fabricas d'armas e de cartuchos, as fundições de canhões, as casas manufactureiras de panos militares e de calçado, não davam vazão aos milhões de homens do Grão-Duque Nicolau, destinados a guarnecer uma frente imensa que hoje se estende por milhares de quilometros do golfo de Riga à fronteira rumaica, sem falar no Caucaso.

A França e a Inglaterra absorvidas, preocupadas pelas necessidades diárias de uma luta encarnçada, encontravam-se isoladas, agregadas da sua aliada pelas montanhas dos Dardanellos pela impossibilidade de comunicar-se com

ela por outros pontos além dos setentrionais. Não podiam, pois, prestar o auxílio, o concurso de que se tornavam precisos senão á custa de um extraordinario sacrificio e de resultados pouco compensadores.

Não obstante a sua colossal capacidade de produção, os Estados-Unidos estavam abarrotados de encomendas de todos os países da Entente, não podendo aceitar e assumir a responsabilidade de colocar a Russia em estado de poder resistir aos seus numerosos inimigos.

Foi nessa singular e aflitiva emergencia que a clarividencia dos homens de estado russos e japoneses se manifestou com toda a sua pujança, restabelecendo a harmonia entre os dois imperios, transformando uma divergencia politica numa amizade duradoura, cimentada, efectiva.

Tratava-se de fornecer rapidamente, a toda a pressa, tudo quanto militarmente a Russia necessitasse; essas necessidades eram imensas, urgentes, permanentes.

O Japão, que dispunha de todos os recursos depois da occupação de Tzing-Tao, não vacilou em vender aos russos uma grande parte do seu material de artilharia. Canhões japoneses de todos os calibres, acompanhados de comboios de munições e de pessoal suficiente para instruir os artilheiros moscovitas, partiram para a frente da Polonia por via do Siberiano.

Prestado este primeiro auxilio, o Japão pôz não só ao serviço do governo russo os seus arsenais, fabricas e estabelecimentos nacionais e privados como a sua metalurgia, manufacturas de fardamento, equipamento, etc.

Foi preciso aumentar os estabelecimentos existentes e criar novas fabricas de armas e munições, para o que se importou dos Estados-Unidos grande quantidade de material, maquinas e ferramentas.

A industria textil do país acostumada ao fabrico de telas asiaticas, teve que ser reorganizada de modo a executar com rapidez os grandes pedidos do governo de Petrogrado.

Em 1914 e 1915, foram solicitadas encomendas no valor de 40 milhões de fardamentos de lã, que foram distribuidos por todas as fabricas japonesas, inclusive a de Scujú.

Infelizmente, foi preciso comprar por preços excessivamente elevados, 1:800 toneladas de lãs chinasas, em Tsen-Tsin e perto de 3:000 na Australia; o que reduziu enormemente os lucros das referidas fabricas. Grande quantidade de calçado foi confeccionada nos estabelecimentos especialmente instalados na Coréa para esse país.

O Japão tem operado verdadeiros prodigios.

À frota comercial nipónica, foi cometido o encargo de transportar de Wladivostock com a frota voluntaria russa, os milhões de toneladas de material e aprovisionamento fornecidos pelo imperio.

Foi necessario criar novos serviços porque o posto asiatico, estação terminus do caminho de ferro transiberiano, não dava vazão ao extraordinario trafico.

A unica via que une as margens do Pacifico ao coração da Russia, cinta de aço de mais de 60:000 quilometros de extensão, não correspondia ao numero nem ás toneladas dos comboios que se deviam pôr em marcha para atender ao transporte das mercadorias acumuladas nas *dokas* de um porto já demasiado pequeno em época normal.

Basta lançar um rápido golpe de vista sobre o commercio russo de importação correspondente às fronteiras da Asia para ter-se ideia da importancia dos recursos fornecidos pelo Japão, no decurso do ano de 1915, por conta do governo russo.

As entradas cresceram de 400 milhões durante os primeiros meses do referido ano. Em um semestre o porto de Wladivostock recebeu produtos americanos no valor de 128 milhões e outros de procedencia niponica, avaliados em 141 milhões.

A prova da exactidão destes dados e das estatisticas aduaneiras correspondentes que relatam um acrescimo de *cem milhões*, é o decrescimento da exportação acusado por outros países.

É evidente que o Japão não aspirará obter uma vantagem militar, commercial e financeira em troca do auxilio que vem prestando à Entente e especialmente ao imperio russo.

Embora o Governo do Mikado recusasse a maior parte da actividade produtora da sua industria e dos seus arsenais aos exercitos da Russia, não se descurou das necessidades da França e da Inglaterra atendendo, repetidas vezes, às suas encomendas de material, fardamento, equipamento, etc.

Quanto à França, ninguém ignora que em Marselha tem desembarcado numerosas baterias de artilharia de grosso calibre; quanto à Inglaterra, em seus portos aportam constantemente blindagens d'aço para a protecção de certo numero de navios em construção, fazendo com que a Grã-Bretanha adquira uma tal ou qual vantagem sobre os austro-alemães, graças ao concurso eficaz das fabricas metalurgicas japonesas.

É claro que estas vendas dão logar a importantes resultados, permitindo substituir os antigos armamentos por um material novo e aperfeiçoado.

Certo numero de navios russos aprisionados na guerra russo-japonesa e como tais inscritos na frota nipónica, têm sido de novo incorporados à armada russa, prestando os mais assinalados serviços na escolta dos comboios de abastecimento e na vigilancia das costas, assim como nas operações dirigidas de comum acordo com as esquadras das potencias aliadas no Mediterraneo Oriental.

O Japão, na presente guerra é o *viveiro dos aliados*, e sobretudo da Russia, cujo concurso constante, após a retirada da Polonia, o tornou o agente mais poderoso da reconstituição dos exercitos russos; é na Asia Oriental e no Pacifico o protector da liberdade dos mares e da segurança do commercio e dos transportes aliados; o colaborador mais precioso na industria da guerra, representando um papel de maior destaque na poderosa colisão europeia contra os imperios centrais.

(Do *El Mundo Militar*, Madrid, 1916).

DIVERSOS

Espingardas metralhadoras.—As principais armas desta classe, hoje em uso, são as seguintes:

«Hotchkiss» (em serviço nos Estados-Unidos sob o nome de espingarda Benet-Mercier), que funciona pela acção dos gazes.

«Madsen» (empregada na Rússia, Japão, Dinamarca e America do Sul, que funciona por um longo percurso do cano ;

•Espingarda inglesa Lewis», que funciona pela acção dos gazes ;

«Espingarda francesa, modelo 1915», que funciona como a Madsen ;

•Espingarda alemã Parabellum», inventada em 1913 e posta em serviço durante a guerra actual, e que funciona por um curto recuo do cano ;

•Bergmann, modelo 1915», utilizado pela Alemanha na aviação, e que funciona como a Parabellum, pesa 12 kg., e dispara por séries de 30 cartuchos.

As espingardas metralhadoras—que se não devem confundir com as automáticas—teem uma forma semelhante às espingardas automáticas, embora o tiro se execute apoiando a arma sobre uma forquilha.

Exigem menos munições e pessoal que as metralhadoras, são mais moveis e faceis de dissimular do que estas e podem acompanhar por completo a infantaria ; em compensação, a precisão e rapidez do seu tiro é muito inferior à das ditas máquinas, podendo servir especialmente para dar tempo à chegada destas, e muito em particular para constituir o armamento dos aeroplanos.

Obras de fortificação para metralhadoras. — Na guerra campal empregam-se só plataformas a ceu aberto.

Na guerra de trincheiras, utilizam-se dois tipos de trabalhos: o abrigo e a plataforma.

O abrigo é muito sólido, está enterrado e procura-se torná-lo invisível, condições que, segundo os não partidários do sistema, são contraditórias, pois para ser sólido um abrigo, dizem, há de ter relevo e ser, portanto, visível, a menos que se empreguem de excepcional resistência (cupulas blindadas).

Hoje prefere-se o sistema de plataformas descobertas na sua parte superior, ligadas por galerias subterraneas com abrigos cavernas, onde se coloca o pessoal e o material durante o bombardeamento, até o momento em que as metralhadoras entrem em fogo. A vantagem das plataformas consiste em que são um pouco visiveis, e em todo o caso, faceis de dissimular.

Na realidade, o emprego de um ou outro sistema, depende das circunstâncias tacticas, da natureza e configuração do terreno e dos materiais disponiveis.

Conservação do pão. — Problema dos que mais discutidos tem sido, o da conservação do pão, atinge, devido às especiais circunstâncias da guerra em que nos encontramos, uma importância extraordinária.

A conservação das diversas qualidades de pão é função do regime climático sob o qual se efectua o seu transporte e do tempo de percurso até ao local de destino—e assim é muitas vezes o acaso que determina o estado em que o pão chega.

A humidade é o principal inimigo do pão—como de resto de quasi todos os produtos alimentares—pois favorece muito o desenvolvimento dos esporos de mucédineas eventualmente existentes na sua superficie. Em geral, se à medida que o tempo decorre o pão se torna resequido, este conserva-se em bom estado, mas, se pelo contrário, o pão conserva sua humidade normal ou se esta aumenta, cria bolôr.

Como se vê, as melhores condições para o transporte de pão são as de verão e as peiores as dos invernos chuvosos.

Para remediar estes inconvenientes, E. Fleurent apresentou à Academia das Ciências de Paris, em 19 de julho de 1915, o seguinte processo que permite dar ao pão, qualquer que seja a sua qualidade, e durante algum tempo, as condições indispensáveis para a sua conservação em boas condições:

A massa é preparada pelo modo vulgar. Para a levedura deverá ser colocada em cestos de forma paralelepipedica. No momento da cosedura, a codea deverá ser conservada lisa, sem fendas. É conveniente que o peso de cada pão não ultrapasse 1 kilograma e a cosedura deverá ser demorada, de maneira a obter-se uma esterilização perfeita. Obtem-se assim pão que se presta bem ao empacotamento.

Ao sair do forno, cada pão será envolvido sucessivamente em duas folhas de papel forte, com as dobras em sentido oposto e atado em seguida.

Feito isto e baixando a temperatura do forno a 130 ou 120°, os pães empacotados são enforados de novo, ficando ali 15 a 30 minutos; após isto devem ser definitivamente desenforados e estão aptos, depois de arrefecidos, a ser expedidos, tomando-se as precauções habituais.

O pão, mesmo decorridos muitos dias, ao ser desembalhado apresenta-se relativamente mole e com o aspecto de pão um pouco atrozado, conseguindo-se assim por este processo uma especie de conserva sumária em que o duplo embrulho de papel perserva como o envulcro metálico das conservas alimentares: esterilizado ele proprio pelo calor opõe-se á reentrada de germens nocivos, conservando ao mesmo tempo ao pão a sua humidade normal.

O melhor papel para isto é o papel sulfurizado, denominado *papel pergaminho*. Tem sido usado, e com magnificos resultados, o papel amarelo claro feito de uma mistura de celulose quimica e de madeira mecanica com colagem ordinária a fecula, tendo-se notado que este papel sae da operação de recosedura no fôrno com um aroma muito agradável, devido à formação de principios extractivos caramelizados, sendo provavel que a formação desse caramelo acompanhe a formação de vestígios de formoldehido que favorece a esterilização e consequentemente a conservação do pão.

Tem-se conseguido em Paris conservar pão preparado por este processo, durante um mês e mais, em subterraneos humidos e sombrios, sem alteração alguma, estudando-se a sua applicação à conservação de outras substancias alimentares.

Conservação das carnes pelo gás sulfuroso.— Há alguns anos Lapparent preconizou o emprego do gás sulfuroso na conservação das carnes. Labarge-rie ventilou novamente o problema na secção da Academia de Agricultura de 21 de julho de 1915 constatando que a combustão do enxofre é sufficiente para afugentar as moscas e os ratos imuniza a carne, mesmo sendo minima a quantidade de gás sulfuroso, sem lhe modificar o aspecto.

Tratou-se na mesma ocasião do transporte da carne, durante a época do calor, pelos auto-omnibus da intendência francesa em que grandes porções daquele genero se estragaram, bem como nos Halles de Paris, — o que não teria acontecido se se tivesse posto em prática o processo acima aconselhado. — mesmo com uma instalação improvisada e mediante pequenissima despesa

II

PARTE MARITIMA

Austria

Lanchas automoveis.—Além dos monitores que já tinham em serviço no Danubio, tem os austriacos ali lançado durante a guerra um grande numero de lanchas automoveis, umas de tipo monitor armadas com uma ou duas peças numa torre e tendo as partes vitais protegidas por uma chapa de 5 cent., e outras para serviço de exploração.

Estados-Unidos

O programa de 1917-18.— Foi presente ao Parlamento o novo programa, o qual compreende: 3 couraçados de 40.000 toneladas, com XII e 16"/150; 1 cruzador de batalha; 3 exploradores; 15 contra-torpedeiros; 2 navios-apoio (um de contra-torpedeiros e um de submarinos).

A despesa prevista é aproximadamente de 216 milhões de dollars para as novas construções e 5 milhões para a aviação.

Recrutamento para a armada.—O aumento de pessoal estabelecido em agosto ultimo, de 26.500 homens, obrigou a um recrutamento mais intensivo do pessoal que, como é sabido, é todo voluntário. Há por todo o país 300 estações fixas para alistamento na armada, e 48 comissões moveis permanentes; além disso os navios desembarcam comissões de recrutamento para operarem nas proximidades dos portos onde se encontram.

Eficácia do convez couraçado.—Para estudar a eficácia da protecção horizontal dos navios, fizeram-se experiencias de tiro sobre um pavimento de novo desenho adaptado ao velho navio *Puritan*; foi o couraçado *Oklahoma* que fez fogo sobre ele, lançando-lhe 356 projecteis e acabando por o afundar; o navio, que estava num pequeno fundo, vai ser posto a nado.

Navio-hospital.—O novo navio-hospital, ainda em construção, será munido de estabilizadores para o balanço; tem 140^m de comprimento e capacidade para 300 doentes em tempo de paz e 500 em tempo de guerra.

Terá salas para tratamentos especiais de garganta, nariz e ouvidos, auscultação, olhos, radiografia, rins, bexiga, applicações cirurgicas e dentes; haverá além disso um laboratório de biologia e salas isoladas para doenças contagiosas. Por meio de elevadores e estufas rolantes, a comida será levada quente a todas as enfermarias. Os cadaveres serão conservados num frigorifico para poderem esperar a chegada ao porto.

O material naval moderno. — Segundo refere recentemente o *Scientific American*, nos Estados- Unidos fez-se há pouco um calculo aproximado do número necessário de toneladas de aço que requer a construção de um barco de guerra segundo o tipo a que pertença, cujo calculo tem sido feito, ao que parece, com o fim de que sirva de pauta para contratos de material e demais medidas ou de ordem económica ou administrativa para tomar nas novas construções navais projectadas naquele país. Os pesos de aço estimaram-se (em globo) nos seguintes :

Por couraçado de combate (<i>battle ship</i>).....	13,761	ton. de aço
» cruzador de batalha (<i>battle cruiser</i>).....	15.025	» » »
» cada barco explorador (<i>scout</i>).....	2.997	» » »
» » destroyer	325	» » »
» » barco carvoeiro ou petroleiro (<i>fuel ship</i>)...	3.300	» » »
» » navio hospital.....	4.000	» » »
» » » de transporte de munições.....	4.000	» » »
» » canhoneira	548,5	» » »
» » submarino	186,6	» » »

E, como ao que parece, trata-se de construir quatro couraçados de combate (*battle ship*), quatro cruzadores de batalha (*battle cruisers*), quatro exploradores, vinte destroyers, um navio carvoeiro (*fuel ship*), um navio hospital, um transporte de munições, uma canhoneira e trinta submarinos, resulta que os pesos de aço, a prever para estas diferentes construções, são os seguintes (aproximadamente):

Para os 4 <i>battle ships</i>	55.044	ton. de aço
» » 4 <i>battle cruisers</i>	60.100	» » »
» » 4 <i>scouts</i>	11.988	» » »
» » 20 destroyers	6.500	» » »
» o barco carvoeiro	4.000	» » »
» o transporte de munições.....	4.000	» » »
» uma canhoneira	548,5	» » »
» os 30 submarinos.....	5.598	» » »
Total.....	147.778,5	

com mais, o aço necessário para a construção de artilharia, os seus reparos, munições, etc.

Inglaterra

A resistencia dos modernos navios ao ataque do torpedo. — Segundo observou o critico naval inglês Arthur Pollen, o contraste entre a resistencia dos navios antigos e a dos modernos, ao ataque do torpedo é muito notavel. Ao passo que o *Aloukir*, *Cressy*, *Hogue*, *Niger*, *Hermes*, *Formidable*, *Triumph*, *Magestic* e outros, foram afundados logo em seguida a serem atingidos, há 20 casos de navios modernos terem sido torpedeados, dos quais só um fatal.

Parece pois não haver razão de descontentamento com as actuais construções sob este ponto de vista.

Japão

Novo couraçado.—Os estaleiros de Kure tomaram conta da construção do couraçado *Nagato*, de 32.000 toneladas, 24' e XII de 380^{mm}, o qual disporá de uma disposição aperfeiçoada de defesa anti-torpedica.

Construção submarina.—Foi ordenada a construção de 3 submarinos de 800 toneladas no arsenal de Kure, com os n.ºs 20, 21, 22.

Russia

Novo posto militar.— Parece que se pensa em instalar uma estação naval importante no porto de Uase, na costa da Finlândia, *terminus* do caminho de ferro estratégico finlandez.

BIBLIOGRAFIA

I — LIVROS

França

- 1 DAGUIN (A.). — *Guerre de 1914-1915*. Sommaire des lois, décrets, arrêtés et circulaires intéressant les justices de paix avec indication de la date et de la page du «Journal officiel» où ils ont paru Bordeaux imprimerie de la «Revue des justices de paix». (Delagrange), 173, rue Lecocq. 1915. In-8. 32 p.
(Extrait de la «Revue des justices de paix».)
- 2 GEFFROY (G.), L. Lacour et L. Lunet. — *La France héroïque et ses Alliés. 1914-1916. Fascicule 17 : Les Vosges*. 25 gravures. 1 hors-texte en couleurs, 1 carte. *Fascicule 18 l'offensive en Champagne*. 24 gravures. 1 hors-texte, 1 carte. Paris impr. et libr. Larousse 13 et 17, rue Montparnasse. 1916. Deux fascicules in-4 à 2 col. N.º 17, p. 193 à 204 ; n.º 18, p. 205 à 216, chaque, net, 1 fr.
- 3 GUYOU (C.) inspecteur d'académie honoraire. *Épisodes remarquables de la guerre*. 11 gravures. Paris, impr. et librairie Larousse. 1916. In-16, 32 p. Cent. 10
Les livres roses pour la jeunesse.
- 4 HANOTAUX (G.), de l'Académie française. *Histoire illustrée de la guerre de 1914*. Fascicules 50 et 51. Paris, impr. G. de Malherbe et C^{ie} ; «l'Édition française illustrée». Gounouilhou, edit., 30, rue de Provence. 1916. Deux fascicules in-4 à 2 col. de 24 p. de texte et d'illustrations. N.º 50, p. 233 à 256 p ; n.º 51, p. 257. Le fascicule, net. Fr. 1
- 5 HINZELIN (E.). — 1914. *Histoire illustrée de la guerre du droit* : Préface de Paul Deschenel. Fascicules 23, 24 et 25. Corbeil, impr. Crété. Paris, libr. Aristide Quillet, 278, boulevard Saint-Germain. 1916. Trois fascicules in-8 de 16 p. Reproductions photographiques, dessins originaux d'artistes célèbres et 2 magnifiques hors texte chaque. Le fascicule. Cent. 90
- 6 HOUPIN (C.) et E. Maguéro, journalistes. *La contribution sur les bénéfices de guerre. Commentaire théorique et pratique de la loi du 1er juillet 1916*. Bordeaux, impr. Y. Cadoret. Paris. libr. de la Société du Recueil Sirey (Léon Teuin directeur), 22, rue Soufflot. 1916. In-8, 207 p. Fr. 5

- 7 *Instruction sur les travaux de campagne à l'usage des troupes de toutes armes.* Approuvée le 21 décembre 1915. Paris. Impr. nationale. 1915. (14 novembre). In-12, 277 p. avec fig. Grand quartier général. Premier et troisième bureaux.
- 8 LECASBLE (P.). — *Dans les tranchées crayeuses. L'Attente 1915-1916.* Préface de M^{me} Juliette Adam. Paris, impr. et libr. Jouve et C^{te} 1916. (9 novembre). In-18, 140 p. Fr. 2,50
- 9 POWELL (E. Alexander) correspondant spécial du «New-York World». Traduit de l'anglais; par Gérard Harry. 16 gravures hors texte. 3^e édition. Paris, imprimerie et libr. Larousse. (8 novembre). In-8, 197 p. Fr. 3
- 10 Aide — *Mémoire du chef de section des mitrailleuses. Centre d'instruction de mitrailleuses de Coetquidan.* 5^e édition. Reunes, impr. Oherthür. 1916. In-16, 134 p avec fig.
- 11 BELMONT (capitaine F.). — *Lettres d'un officier de chasseurs alpins.* (2 août 1914 — 28 décembre 1915). Préface d'Henry Bordeaux. Paris, impr. et libr. Plon-Nourrit et C^{te}, 8, rue Ganancière. 1916. (29 novembre). In-16, Liv. 313 p. et portrait.
- 12 BLANCHON (G.). — *La Guerre Evreux,* impr. et libr. Ch. Hérissey. Paris, libr. Armand Colin, 103 boulevard Saint-Michel. 1916. In-16, 274 p. Fr. 3,50
- 13 ETIENNE (Eugène). *La grande guerre. Hier. Aujourd'hui, Demain.* Alger, impr. et libr. Adolphe Jourdan. 1916. In-plan à col., avec illustrations par G. Rochegrosse.
- 14 *Instruction sur le ravitaillement en cuirs et chaussures pendant la guerre.* Approuvée par le sous-secrétaire d'Etat le 19 janvier 1916. In 8, 229 p. 124, boulevard Saint-Germain. Paris. Fr. 4
Ministère de la guerre. Sous-secrétariat du ravitaillement et de l'intendance.
- 15 KROUCH (M.) docteur en médecine médecin aide-major au 7^{5e} régiment d'infanterie. — *Blessures de guerre. Campagne 1914-1915-1916. Un appareil à pont métallique extensible pour blessure de cuisse avec fracture (thèse).* 1916. In-8, 50 p. avec figures et planches. Impr.-éditeur A. Rey. 4, rue Gentil. Lyon. Faculté de médecine et de pharmacie de Lyon. Année scolaire 1915-1916. N.º 53.
- 16 LACASSAGNE (J.) interne des hôpitaux de Lyon, docteur en médecine. — *Etude sur la pédiculose du corps aux armées. Prophylaxie et Traitement (thèse).* 1916. In-8, 68 p. impr.-éditeur A. Rey. 4, rue Gentil. Lyon. Faculté de médecine et de pharmacie de Lyon. Année scolaire 1915-1916. N.º 24.
- 17 LEGUAY (C.) docteur en médecine, élève de l'Ecole du service de santé militaire, médecin aide-major de deuxième classe. — *Les Blessures de guerre de la mastoïde (campagne 1914-1915-1916) (thèse).* 1916. In-8, 103 p. A. Rey. 4, rue Gentil. Lyon.

Inglaterra

- 1 BADEN-POWELL (Sir Robert) *The Cub Book,* by The Chief Old Wolf. Cr. 8vo, pp 64. Pearson net 3d
- 2 BAILEY (Rt. Hon. W. F.) *The Slavs of the War Zone.* New and cheaper ed. Cr. 8vo, pp. 278. Chapman & Hall net 2/6
- 3 BEADNELL (C. Marsh) *A Naval Medical Officer's Impressions of a Visit to the Trenches.* 8vo, pp. 27. (Reprinted from the Journal of the Royal Naval Medical Service). Bale, Sons & Danielsson.
- 4 *British Universities and the War.* A Record and its Meaning. With a Preface by Rt. Hon. H. A. L. Fisher. 8vo, pp. 103. Field & Queen net 1/
- 5 COOK (Mrs. Thornton) *General Service Hints for V. A. D. Members.*

- Revised by Miss Lilian Dennler. With a Preface by Mrs. Katherine Furze. 32mo, pp. 45. *Scientific Press, Ltd.* net 1/3
- 6 CORELLI (Marie) *Eyes of the Sea*. Cr. 8vo, swd. *Marshall Bros.* net 1/
- 7 DAVIES (A. T.) *Student Captives. An Account of the British Prisoners of War Book Scheme* (Educational). 12mo, pp. 30. *Author* 6d
- DAWSON (Capt. A. J.) *Back to Blighty*. Cr. 8vo, pp. 231. *Hodder & S.* net 2/6
- Deeds that Thrill the Empire*. True Stories of the Most Glorious Acts of Heroism of the Empire's Soldiers and Sailors during the Great War. By well known Authors. With a Foreword by the Rt. Hon. the Earl of Derby. Vol. 11. Folio, pp. 462. *Hutchinson* net 12/
- 10 DOLBY (Capt. Robert V.) *A Regimental Surgeon in War and Prison*. Cr. 8vo, pp. 257. *J. Murray* net 5/
- 11 DORLING (E. E.) *Regiments at a Glance*. Cr. 8vo, pp. 127. *Philip & Son* net 2/
- 12 ESSEN (Leon Van der) *The Invasion and the War in Belgium*. From Liège to the Yser. 8vo, pp. 356. *T. F. Unwin* net 15/
- 13 FORTESCUE (Hon. J. W.) *A History of the British Army*. Vol. VIII. 1811-1812. With Maps. 8vo, pp. 781. *Macmillan* net 30/
- 14 HANKEY (Donald) *A Student in Arms*. 2nd series. Cr. 8vo, pp. 272. *Melrose* net 5/
- 15 HOWE (N. A. de W.) *The Harvard Volunteers in Europe*. Cr. 8vo. *Oxford Univ. P.* net 4/6
- 16 LEECKY (S. C. S.) *Wrinkles in Practical Navigation* 18th ed., revised and enlarged by William Allingham. Royal 8vo, pp. 546. *G. Philip & Son* net 25/
- 17 LIDDELL (R. Scotland) «Sestra» (Sister) *Sketches from the Russian Front*. Cr. 8vo, pp. 244. *Hodder & S.* net 2/6
- 18 LINTIER (Paul) *My 75. Reminiscences of a Gunner of a 75 m/m Battery in 1914*. Cr. 8vo, pp. 311. *Heinemann* net 3/6
- 19 MACDONALD (J. Ramsay) *National Defence. A Study in Militarism*. Cr. 8vo, pp. 132. *Allen & Unwin*. net 2/6
- 20 *Musketry, No. 7. Consisting of Instructions in Machine Guns and their Uses*. By «Simplex». Whitehall Series of Lectures Cr. 8vo, swd. *Forster Groom* 1/
- 21 NOYES (Alfred) *Open Boats*. Gr. 8vo, pp. 136. *Blackwood* net 2/
- 22 O'CONNOR (V. C. Scott) (Odysseus). *The Scene of War*. Cr. 8vo, pp. 437. *Blackwood* net 5/
- 23 *Problems of the War. Papers read before the Grotius Society in the Year 1916* Vol. 2. 8vo, bds. *Sweet & Maxwell* net 6/
- 24 *Ribbons, Medals, and Regimental Badges* Part 1. Ribbons and Medals. Part 2. Regimentals at a Glance. Cr. 8vo, pp. 127. *Philip & Son* net 5/
- 25 ROBINSON (H. Perry) *The Turning Point. The Battle of the Somme*. 8vo, pp. 299. *Heinemann* net 6/
- 26 SPEARING (E. M.) *From Cambridge to Camiers under the Red Cross*. Cr. 8vo, pp. viii-87. *Heffer*. net 2/
- 27 STEERS (H. Douglas) *The Officers Training Corps Year Book and Diary, 1917*. 32mo, pp. 65. *Forster Groom & Co.* net 1/
- 28 STEPHEN (James) *War in Disguise; or, The Frauds of the Neutral Flags*. (Reprinted from the 3rd ed., 1865). Edited by Sir Francis Pigott, with an Introduction by John Leyland. 8vo, pp. 249. *Univ. of London P.* net 6/
- 29 *Tale of a Casualty Clearing Station (The)* By A Royal Field Leech. Cr. 8vo, pp. 306. *Blackwood* net 5/
- 30 *Times (The) Documentary History of the War. Diplomatic*. Vols. 1 and 2. Parts 1 and 2. Royal 8vo, pp. 548 and 583 «Office» each, net 21/
- 31 *Times (The) Documentary History of the War. Naval*. Vol. 3. Part 1. Royal 8vo, pp. 534. «Office» net 21/
- 32 *Tin-Tummi of the Prehistoric War*. Collated from the Translations of

- the Cretan Script made by Silas S. Clutterbuck. With Illustrations from the Assyrian, Babylonian, Egyptian, and Cretan Sculpture, by Kia O'Dcuro. English ed. by O. T. Green. Cr. 8vo, pp. 92. *Business Newspapers* net 1/
- 33 TYRRELL (W.) *All about the United States Navy*. Compiled from Jane's Fighting Ships. Cr. 8vo, pp. 64. *Sampson Low* net 1/
- 34 WESTERDALE (T. L. B.) *Messages from Mars*. A Chaplain's Experiences at the Front. Cr. 8vo, pp. 89. *Kelly* net 1/

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *Boletim da administração militar*, n.º 5 de maio de 1917. A nossa escola. Viaturas automóveis. Instrução tática das tropas de administração militar. Fabricação de pão na Manutenção Militar do Campo Entrincheirado de Paris. Material do serviço de subsistências em campanha. Conservação da carne pelo frio. Organização da administração militar em Espanha. Miscelanea.
- 2 *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.º 1 a 3 de janeiro a março de 1917. A vida portuguesa. British Malange. Um estudo meteorológico de Angola. Uma viagem no distrito de Tete. A sublevação dos Dembos em 1913. Crónica.
- 3 *O Instituto*, n.º 5 de maio de 1917. O Marquês de Pombal em Coimbra. Propriedade dos polígonos semi-regulares. O Fausto de Goethe. Documentos sobre várias indústrias portuguesas. Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança.
- 4 *Revista de medicina veterinária*, n.º 181 de março de 1917. História de medicina veterinária em Portugal. Coprologia. Inventário dedicado aos noveis médico-veterinários. La farinha ondulante. Revista de publicações.
- 5 *Revista dos sargentos portugueses*, n.º 33 e 34 de 15 e 31 de maio de 1917. Montepio da Guarda Fiscal. Falta de solidariedade e seus efeitos nas classes militares. Auxílio para rancho nas colónias, sua origem. Causas coloniais. Sonho macabro. A arborização como função económica e sua influencia na agricultura e na pecuária. Organização dum Reserva Naval. O morticínio dos arménios. Horas amargas. As promoções na artilharia Lista. de antiguidades dos primeiros sargentos das colónias, referida a 30 de dezembro de 1916. Fragmentos de um ementário, círculos de Müller. Assuntos coloniais — Passagem às famílias dos militares. O mensageiro do Bem. Candido Guerreiro. O poeta e os seus sonetos. A educação física na Armada. Bibliografia.

Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.º 1 e 2 de janeiro e fevereiro de 1917. Longitude pela observação da occultação de estrelas por traz do disco da lua. Pela defeza nacional. Valor tático da metralhadora. O tiro indirecto com os canhões largos de costa. Alimentação e reabastecimento dos exercitos em campanha.

Chile

- 1 *Revista de marina*, n.º 358 de março e abril de 1917. El uso de nuestros cañones de costa y morteros en la defensa terrestre. Alzas automáticas. Maquinas, mecánica, combustion interna, etc. Apuntes sobre movilizacion, aprovisionamiento y transporte en el mar.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado mayor del ejercito de Colombia*, n.º de setiembre e outubro de 1916. Apuntes para el Reglamento de maniobras con las estaciones inalcimbricas de campaña en Colombia. Los oficiales subalternos en los cuerpos de tropas. Algo sobre geografia militar. Que es el capitán ante la sociedad, ante el ejército y ante su tropa? La fortificación y su importancia. Método de trabajo de la sección de historia del Estado Mayor General. Ideas alemanas sobre la guerra moderna. A través de la guerra estrangera.

Cuba

- 1 *Boletin del ejercito*, n.º 2 de abril de 1917. El espionaje. Uruguay e Cuba. Educacion militar, su utilidad y sus defectos. Servicio militar obligatorio. Apuntes de la guerra. La caballeria. Consideraciones tecnicas y generales en la construction de submarinos. Adiestramiento del caballo de guerra.

Espanha

- 1 *Memorial de artilleria*, n.º de maio de 1917. Por la artilleria. Defensa de costas. Mando lateral a distancia en fuego. Aviación artillera.
- 2 *Memorial de caballeria*, n.º de maio de 1917. La caballeria y la aviación. Psicologia de la subordinación. La utilidad del ganado asnal para algunos servicios del ejercito. Sobre el pacifismo. Estudio sobre la rienda de oposición. Crónica de la guerra.
- 3 *Memorial de infanteria*, n.º 64 de maio de 1917. Preparación para la guerra. Una visita al frente inglés en Francia. Tiro de artillera. Proyecto de carretilla transportadora de municiones. Curazón de mujer. La aeronautica. Variedades.
- 4 *Revista técnica de infanteria y caballeria*, n.ºs 5 e 6 de março de 1917. La artilleria en combinación con las otras armas. La batalla a través de los siglos. Circulos calculadores del oficial de infanteria. La guerra y su profilaxis. De la guerra mundial — Impresiones hispanófilas. La guerra hispano-americana.

Estados- Unidos

- 1 *The International Militar Digest*, vol. 3.º, n.º 5 (maio de 1917).

Mexico

- 1 *Boletin de ingenieros*, n.º 1 de abril de 1917. Al Ejercito. El desarrollo de la mecanica de los materiales. Estudio acerca del momento de resistencia de las vignetas. Método para determinar el caudal de rios de pendiente variable. Proyecto de ampliación de la antiduria militar de Santa Crucita. «Agujeros» en el aire. Investigaciones recientes acerca del cemento de Portland.
- 2 *Revista del ejercito y marina*, n.º 3 de março de 1917. Invitación. Memorándum de derecho internacional maritimo. Construcción de buques submarinos. Destroyers El Battle-Cruiser. Utilidad práctica de las Academias militares. Sobre las Instituciones militares. El caballo militar mexicano. La aviación en la guerra europea. Punto de honor. Máximas de Napoleon.
- 3 *Tohtli* n.º 4 de abril de 1917. El mayor triunfo de los talleres nacionales de construcciones aeronauticas. El aeroplano en el extranjero. El aeroplano en el frente aleman. La aviación francesa. El aeroplano en el frente italiano, El piloto automatico. La preparacion de aviadores.

Los records de aviación en 1910. El alto mando en Alemania. Literatura mexicana.

Peru

- 1 *Boletin del Ministerio de guerra y marina*, n.º de fevereiro de 1917. Procedimientos de identificación personal en el ejercito Corrección de temas. Ideas sobre el espirito militar, la disciplina y la iniciativa. Fortificación pasajera. Después! — Francia — Perú. Aseo e conservación de armamento. La guerra europea.

Suissa

- 1 *Revue militaire suisse*, n.º 5 de maio de 1917. Les campagnes allemandes d'Occident de 1914 à 1916. Le théâtre des opérations de l'armée italienne. Impression du front austro-hongrois.



Estados- Unidos

Mexico